

Esta coletânea foi publicada por ocasião da 31ª Bienal de São Paulo - *Como (...) coisas que não existem*, realizada entre 6 de setembro e 7 de dezembro de 2014 no Pavilhão Ciccillo Matarazzo, Parque do Ibirapuera.

CAMPUS IN CAMPS

Sandi Hilal, Alessandro Petti, Ahmad Al Lahham, Isshaq Issa Barbary, David Kostenwein, Daniela Sanjinés

GRUPO CONTRAFILÉ

Cibele Lucena, Jerusa Messina, Joana Zatz Mussi, Peetssa, Rafael Leona, com Walter Solon

Com a contribuição de:

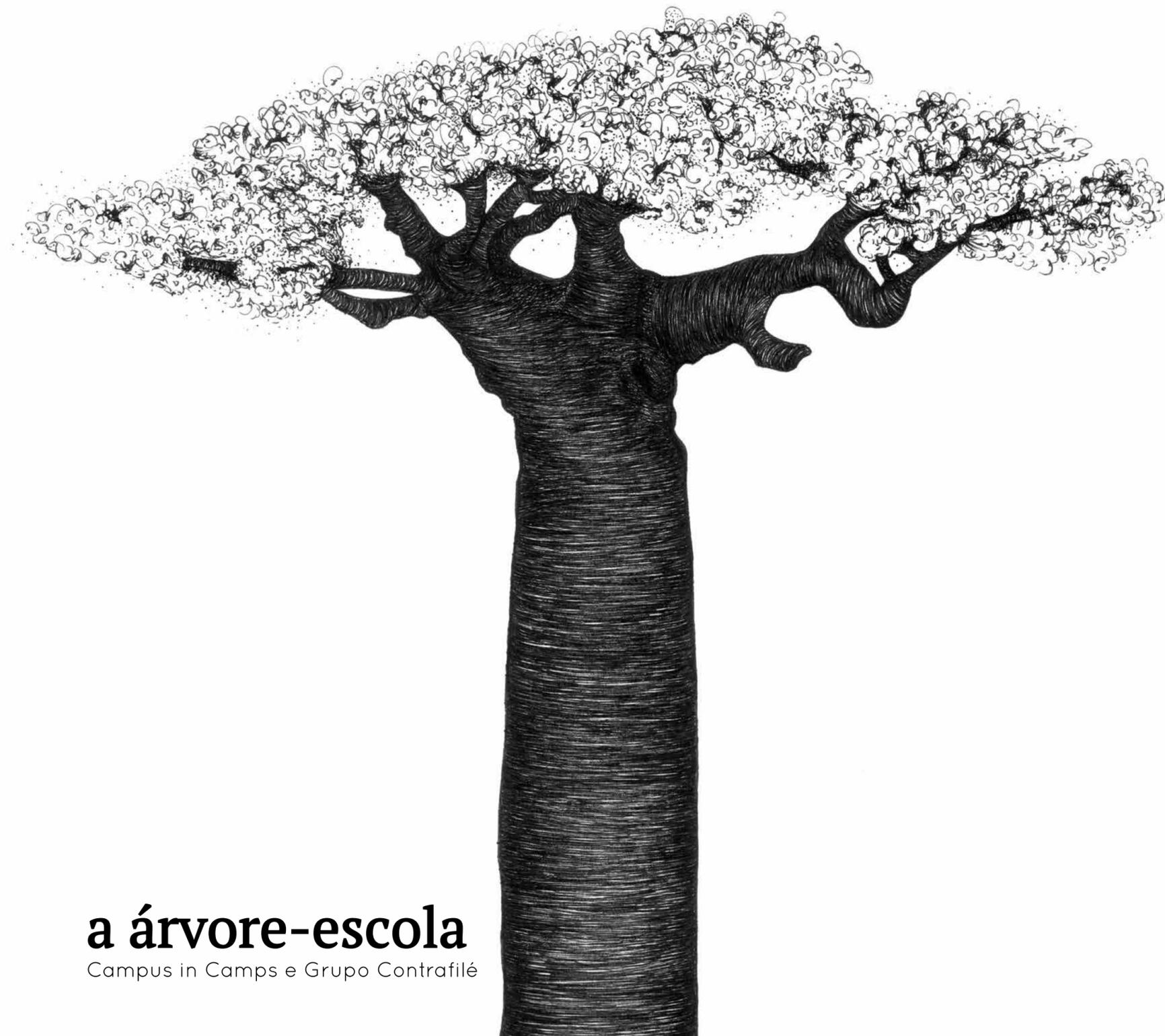
Arthur de Oliveira Neto, Deysi Ferreira, Eugênio Lima, Floriana Breyer, Geandre Tomazoni, Giuliana Racco, Grupo PI-Política do Impossível, Joelson F. de Oliveira, Lia Zatz, Pedro Cesarino, Peter Webb, Maurinete Lima, Shourideh Molavi, Solange Brito Santos, TC Silva

Capa e ilustração páginas 5, 26, 36, 38:
Jerusa Messina

Design do livro e ilustrações gerais:
Daniela Sanjinés e David Kostenwein

A Árvore-Escola foi realizada, em parte, com o apoio da Foundation for Arts Initiatives

Copyleft é uma forma de proteção dos direitos autorais que tem como objetivo prevenir que sejam colocadas barreiras à utilização, difusão e modificação de uma obra criativa. É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída.



a árvore-escola
Campus in Camps e Grupo Contrafilé

a criação do baobá

Existem muitas lendas sobre o baobá. Originário da África, é uma das árvores mais antigas da terra. Quando adulta, é considerada a árvore de tronco mais grosso, chegando em alguns casos a medir vinte metros de diâmetro. Os baobás são testemunhas vivas da história, guardiões das memórias do mundo. Chegam até os 6.000 anos de idade e podem atingir trinta metros de altura, possuindo a capacidade de armazenar, em seu caule gigante, até 120.000 litros de água. Por tal razão, é também denominada “árvore garrafa”. Em muitas partes da África, esta é uma árvore sagrada.

Dizem os mais velhos que não há baobás novos, todos já nascem velhos. O baobá que eu conheço é um novo-velho-jovem e, a seus pés, confirmei com ele a história que ouvi sobre a árvore de cabeça para baixo:

Nos primórdios da vida, o Criador fez surgir tudo no mundo. Ele criou primeiro o baobá e, só depois, continuou a fazer tudo existir. Mas ao lado do baobá havia um lago de água parada e a superfície daquelas águas ficava lisa, como um espelho. O baobá se olhava naquele espelho d’água, se olhava, e dizia, insatisfeito:

“Ora, acho que poderia ter os cabelos mais floridos, as folhas poderiam ser maiores”. O baobá resolveu, então, se queixar ao Criador, que escutou atentamente suas reclamações.

Entre uma queixa e outra, o Criador comentava: “Você é uma árvore bonita. Eu amo você, mas me deixe ir, pois preciso continuar meu trabalho. Você foi o primeiro a ser criado e, por isso, tem o que há de melhor em toda a criação”.

Mas o baobá implorava: “Ah! Me melhore aqui e um pouco mais ali...” O Criador, que precisava fazer os homens e outros seres da África, saía

andando. E o baobá o seguia aonde quer que ele fosse. Andava pra lá e pra cá (e é por isso que esta árvore existe por toda a África).

O baobá olhava para tudo que tinha sido criado e continuava sempre a implorar por melhorias: “Criador, melhore aquela árvore ali! Criador, aquele rio está muito seco, não pode ter um pouco mais de água? Criador, a montanha está alta o suficiente?”

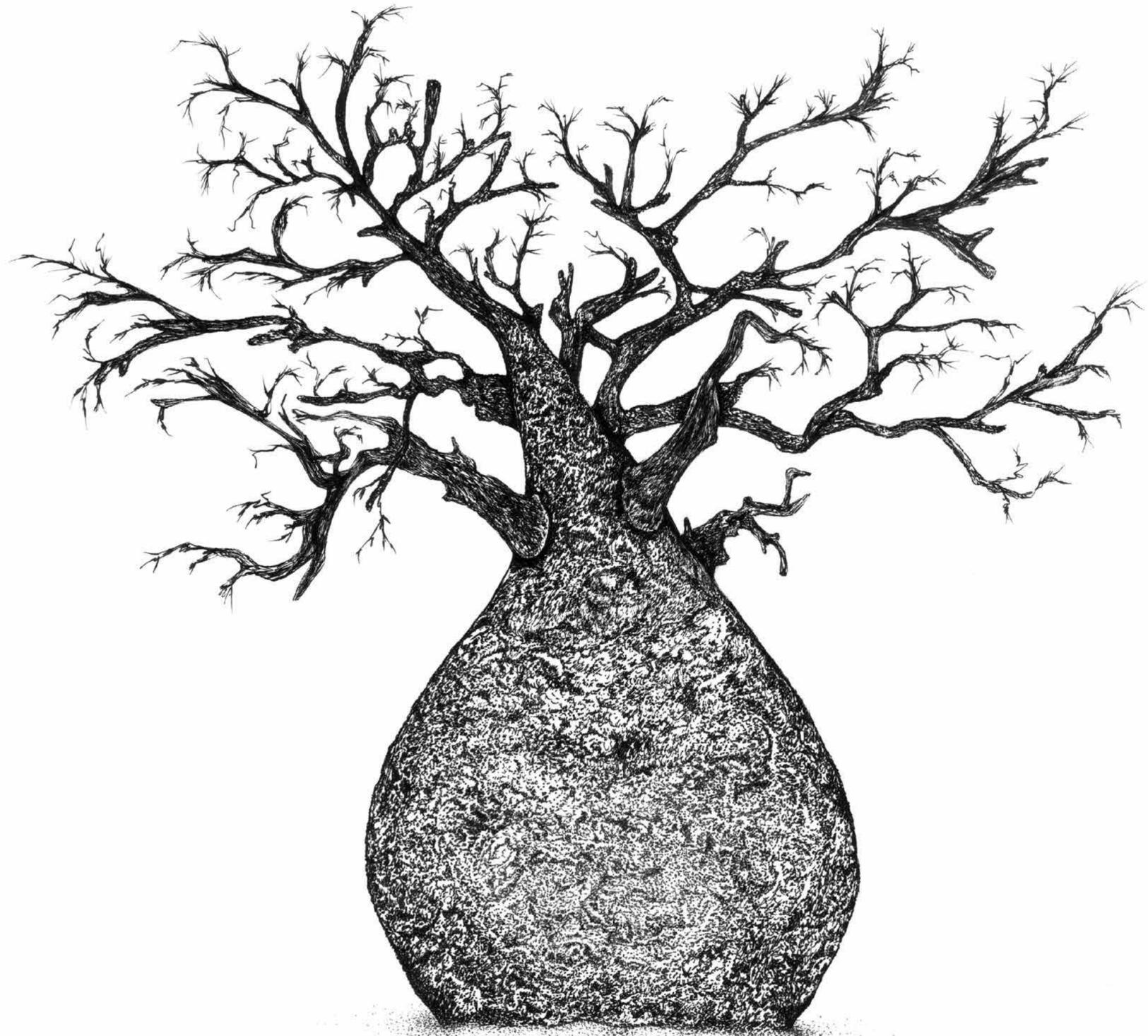
Justo o ser que o Criador achava maravilhoso, que não era parecido com nenhum outro, que fora criado primeiro, nunca ficava satisfeito! Até que um dia o Criador foi ficando irritado, irritado, mas muito irritado, pois não tinha mais tempo pra nada. Ficou irado mesmo. E aí, então, se virou para o baobá e disse: “Não me amole mais! Pare de dizer que falta isso ou aquilo e cale-se agora!”

O baobá não se calou...

Foi então que o Criador o agarrou, o arrancou do chão e o plantou novamente. Só que, dessa vez, de ponta-cabeça, para que ele ficasse de boca calada. Isso explica a sua aparência estranha, como se as raízes ficassem em cima, na copa. O baobá parece uma árvore virada de cabeça para baixo!

Até hoje dizem que os seus galhos, voltados para o alto, parecem braços que continuam a se queixar e implorar melhorias no planeta para o Criador.

Dizem também que, quem sentar a seus pés, pode escutar as suas histórias...





chegada na bahia

9 de julho de 2014

O coletivo brasileiro de arte-política-educação Contrafilé e o Campus in Camps, um programa educativo experimental com base no campo de refugiados Deheishe, em Belém, na Palestina, foram convidados a desenvolver um projeto conjunto para a 31ª Bienal de São Paulo. Ambos os grupos compartilham o interesse em descolonizar o pensamento, construindo um diálogo sul-sul que permita o intercâmbio direto de urgências, dentre as quais a pesquisa das ambivalências contidas em nossa relação com a *terra*, o *exílio* e a *experiência do comum*.

O objetivo deste projeto é cultivar e produzir conhecimentos vindos de regiões do mundo que raramente dialogam entre si, apesar de terem tanto a aprender umas com as outras. Neste momento histórico específico, após importantes revoltas em cidades árabes e sul-americanas, esses “dois mundos” estão repensando termos como justiça social e igualdade. Mesmo com o recente grande acúmulo de riqueza em ambas as regiões, sua distribuição permanece radicalmente desigual, enquanto o poder ainda está nas mãos de uma elite. Diante disso, a história dos movimentos sociais no Brasil e a resistência ao colonialismo na Palestina são experiências fundamentais.

Para dar conta de tais ambivalências, os grupos se propõem a traçar analogias e identificar as diferenças entre dois espaços excepcionais: os quilombos brasileiros e os campos de refugiados palestinos. Os quilombos existem desde a época da escravidão, quando foram fundados por africanos escravizados e afrodescendentes que, ao fugirem de seus opressores, encontravam na vida comunitária e autossustentada uma forma ativa de luta. Posteriormente e até os dias atuais, estes se tornaram espaços de refúgio para muitos outros grupos no Brasil. Os campos de refugiados da Palestina, por sua vez, se estabeleceram em 1948 como consequência do *Nakba* (catástrofe em árabe), para abrigar as centenas

de milhares de palestinos que haviam sido exilados de suas casas devido à fundação do Estado de Israel. Após mais de 65 anos, esses campos se tornaram densos ambientes urbanos e estão no centro de qualquer discurso ou atitude política na região.

O interesse por esse tipo de espaço, aqui refletido, se dá na medida em que oferecem uma chave para a compreensão de relações que podem ser estabelecidas entre comunidade, território e política, para além do Estado-nação.

Para explorar essas questões, os dois grupos realizaram uma imersão de um mês no Sul da Bahia, local historicamente marcado pela existência de importantes comunidades quilombolas e de intensa luta indígena e onde, atualmente, novas comunidades experimentam formas alternativas de vida e produção de conhecimento. A Bahia é o “berço do Brasil”, manifestando e preservando seu elo fundamental com a África.

No encontro com quilombolas, pensadores, artistas e ativistas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Contrafilé e Campus in Camps discutiram, prática e teoricamente, conceitos como os de deslocamento, exílio, direito ao retorno, construção de identidade e subjetivação, entre outros, que integram a discussão contemporânea a respeito da “coletividade”.

Formaram, assim, uma “Árvore-Escola”, espaço de produção de conhecimento que somente acontece quando professores não sabem que são professores, alunos não sabem que são alunos, esses papéis variam a cada momento e há uma sombra sob a qual todos podem se sentar para compartilhar a existência.



grupo contrafilé e campus in camps

O Grupo Contrafilé começou a atuar em 2001, em São Paulo. Considera urgente criar espaços transgeracionais de produção crítica que instaurem territórios nos quais todos se colocam como *corpos em estado manifesto de criação*. Assim nasceram os trabalhos nomeados “Parque para Brincar e Pensar” e “Quintal”. O grupo constatou, na construção de um quintal comunitário em São Bernardo do Campo (SP), que esse lugar remete, para muitos, a uma paisagem ao mesmo tempo íntima e vasta, na qual *o quintal é o mundo*. Há, no entanto, na experiência urbana precarizada, um exílio de conhecimentos profundos, que faz, dentre outras coisas, com que esqueçamos que existe uma corporeidade possível na relação com a cidade e que esta pode ser experienciada como arte-fato. O interesse do Contrafilé pelos quilombos e movimentos de reconexão com a terra, vem, portanto, da vontade de compreender como uma resistência, que afirma a possibilidade de criar espaços de refúgio para tais conhecimentos, pode se atualizar de diferentes formas, tanto no campo, quanto na cidade.

O Campus in Camps foi fundado em 2012. É a primeira universidade dentro de um campo de refugiados e acredita na ideia de que os campos na Palestina contemporânea não são apenas locais de sofrimento, marginalização e submissão política. Após décadas de exílio, toda uma cultura foi criada em torno da existência comum, da luta política e de um sentimento absoluto de hospitalidade. Hoje, os campos de refugiados abrigam uma forma diferente de conhecimento, que permanece ignorada e invisível. Ao levar uma universidade, um campus, para dentro destes espaços, o projeto potencializa conhecimentos que possam florescer e interagir com a vida “do lado de fora”. O que está em jogo é a possibilidade dos participantes realizarem intervenções nos campos, sem que, contudo, suas condições se normalizem e os campos se tornem parte da cidade. O Campus in Camps reúne jovens bastante motivados e ativos, moradores dos campos da Cisjordânia, para explorarem e produzirem novas formas de representação para além dos símbolos estáticos e tradicionais associados à vitimização, à passividade e à pobreza.



Os dois grupos se colocaram um desafio conjunto: pensar a relação política entre pessoas e espaços em outros termos que não o de cidadania. A preocupação em como se tornar um “bom cidadão” é substituída, nesse caso, pela pergunta: Como podemos construir, hoje, uma cidade e um território com base nas noções de hospitalidade e refúgio?



SANDI HILAL
(Campus in Camps)

Eu me interesso pela configuração espacial dos campos de refugiados e pela noção de coletividade em espaços comuns. Sou membro co-fundadora do Campus in Camps.



SAMA PETTI

Meu nome é Sama, que significa “céu” em árabe, tenho 5 anos e adoro experienciar o mundo por conta própria. À noite, gosto de escutar e inventar histórias de ninar.



DANIELA SANJINÉS
(Campus in Camps)

Sou arquiteta e urbanista, vivendo atualmente em Bogotá. Tenho interesse em explorar as semelhanças entre campos de refugiados palestinos e favelas na Colômbia.



JERUSA MESSINA
(Grupo Contrafilé)

Sou artista visual e (auto)educadora. Sou uma pesquisadora do movimento e de suas manifestações; pesquiso através de desenhos, das palavras, do corpo, das relações humanas e da própria vida.



FLORIANA BREYER

Desenvolvo projetos de intervenções artísticas em contextos urbanos e rurais. Trabalho em parceria com coletivos e comunidades tradicionais em projetos que aliam arte, regeneração da terra e geração de renda.



AHMAD AL LAHHAM
(Campus in Camps)

Eu venho do campo de refugiados Deheishe, na Cisjordânia, e sou membro do Campus in Camps, onde analiso e procuro ativar intervenções em espaços comuns e nas fronteiras do campo.



RAMIRO MESSINA CARIOBA

Sou o Ramiro, tenho 12 anos, gosto de esportes e de estar sempre fazendo alguma coisa. Curto empinar pipa, jogar bola, taco e pegar jacaré no mar.



TC SILVA

Sou músico, compositor, arranjador, construtor de instrumentos musicais e um dos fundadores da Casa de Cultura Tainã. Espaço político de produção cultural e educativa, este é o ponto inicial da Rede Mocambos (de produção de conhecimento e comunicação entre comunidades quilombolas) e da Rota dos Baobás.



CIBELE LUCENA
(Grupo Contrafilé)

Sou geógrafa de formação e pesquiso formas de produzir espaços potentes de encontro, por meio dos quais podem ser acessadas as dimensões educativas, autoeducativas e políticas da arte.



EUGÊNIO LIMA

Sou DJ, ator-Mc, pesquisador da cultura diaspórica, membro-fundador do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e da Frente 3 de Fevereiro e integrante da banda CORA - Orquestra de Grooves Afrobrasileira.



PEETSSA
(Grupo Contrafilé)

De japonês só tenho a cara. Brasileiro que sou, tenho alma cabocla, meio índio, meio negro. Com machado, facão e fogo, sou capaz de construir uma nave espacial só para ver a Terra do alto a girar!



ALESSANDRO PETTI
(Campus in Camps)

Além de arquiteto e pesquisador em urbanismo, tenho interesse em educação radical. Sou membro co-fundador do Campus in Camps.



JOANA ZATZ MUSSI
(Grupo Contrafilé)

Sou cientista social e encontro na intersecção entre pensamento urbano, arte e educação, uma forma de existir. Exercito, a todo o momento, o processo de “desnaturalização dos fatos sociais”, sendo esse exercício parte fundamental da minha construção.



SEBASTIAN LEONA

Todos me chamam de Seba. Tenho 4 anos, gosto de inventar músicas, brincar de pirata, construir foguetes e fazer castelos na areia. Acho muito legal viajar, mas fico com saudade da vovó.



RAFAEL LEONA
(Contrafilé)

Venho da Argentina, país no qual comecei minha produção de arte-política grupal no GAC (Grupo de Arte Callejero). Cheguei ao Brasil em 2006, e me juntei ao Grupo Contrafilé. Sempre tive uma preocupação em criar espaços nos quais a criatividade possa ser politizada.



TALA PETTI

Meu nome é Tala, que em árabe significa “jovem palmeira”, tenho 8 anos, gosto de aprender novas línguas e contar histórias para mim mesma.



GIL LUCENA MARTINS

Eu sou o Gil, tenho 2 anos, gosto muito de jogar bola, correr na praia, tocar tambor e sentir que estou voando!



WALTER SOLON

Tenho um interesse profundo em experiências sociais e projetos artísticos que questionam a legitimidade de representações políticas/artísticas, o lugar do nativo, nacionalidade e diáspora.



DAVID KOSTENWEIN
(Campus in Camps)

Sou urbanista e me interesso por questões urbanas em contextos ambíguos ao redor do mundo. Recentemente, tive a chance de trabalhar para a ONU em campos de refugiados palestinos na Jordânia e na Cisjordânia.



PEDRO CESARINO

Sou professor do Departamento de Antropologia da USP, especialista em etnologia indígena, tradições orais e antropologia da arte.

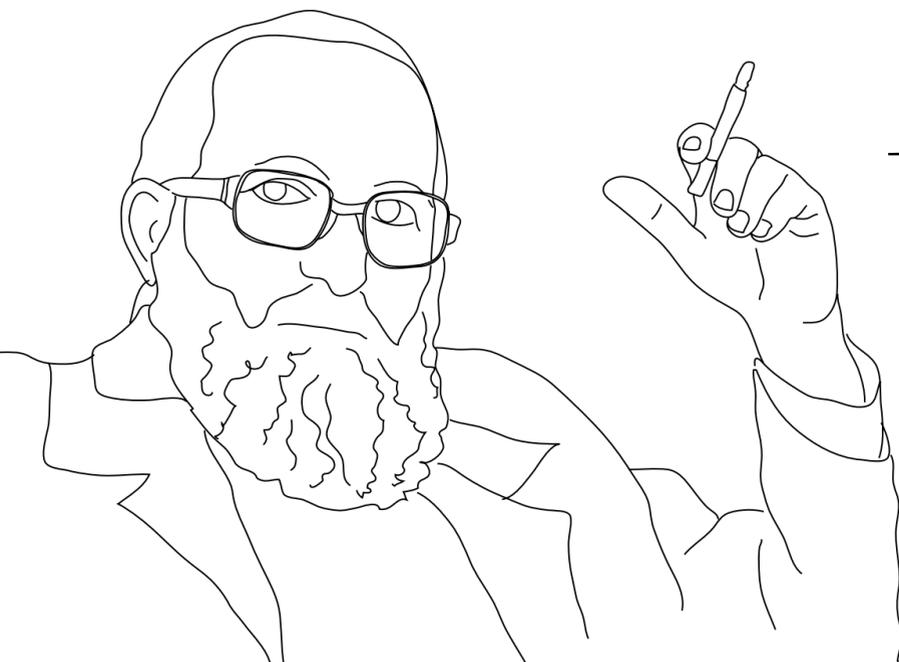


ISSHAQ ISSA BARBARY
(Campus in Camps)

Eu venho de um pequeno campo de refugiados em Belém, chamado Beit Jibrin. Sou membro do Campus in Camps desde 2012. Tenho interesse em conectar a luta palestina com o resto do mundo.

debaixo da árvore

10 e 11 de julho de 2014



Paulo Freire: A educação implica na superação da contradição educador-educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos. Na superação da contradição educador-educandos, o educador já não faria depósitos. Já não tentaria domesticar. Já não prescreveria. Saber com os educandos, enquanto estes soubessem com ele, seria sua tarefa. Já não estaria a serviço da desumanização e da opressão, mas a serviço da libertação. (*Pedagogia do Oprimido*, 1968)

Paulo Freire
(1921-1997). Pensador brasileiro que se destacou por seu trabalho com educação popular e na construção de uma pedagogia crítica.

Paulo Freire: Os únicos que podem libertar o colonizador são os colonizados. Se não temos o poder para libertar o colonizador, o colonizador nunca será libertado. Vamos criar um movimento de libertação do colonizador!

TC: Essa é a busca. Eu quero existir para dizer até o fim da minha existência que eu não concordo com esse modelo colonizador. Eu quero existir por mim, não da forma que o outro quer que eu exista, ou que eu não exista. Quando estamos falando do que nos oprime, não é porque negamos o fato de que somos vítimas nem porque queremos aceitar esse lugar. Entendemos que todos somos vítimas da colonização. Quando propomos pensar de outras formas, estamos buscando formas descolonizadas de pensar. A gente não quer se integrar nisso, a gente quer construir uma outra coisa.

TC: E é pra isso que precisamos ter referências diferentes das referências do colonizador, pra gente poder se descolonizar e ajudar que ele se descolonize também.



Cibele: E como podemos pensar esse tipo de situação radical de aprendizagem? Porque eu não consigo desconectar um ambiente de aprendizagem da imagem de uma "esquina de mundos", um ponto que possibilita que a gente passe por tantos processos e mesmo assim se encontre. O que não significa um lugar sem conflitos, mas todas as impossibilidades e possibilidades juntas.

Munir Fasheh: Duas ideias centrais em nossa experiência no Campus in Camps foram *Mujaawarah* e sabedoria. Ambas costumam estar ausentes do mundo acadêmico e das instituições educativas. *Mujaawarah* como meio de aprendizagem e sabedoria como valor prioritário. Um ingrediente básico dessas duas coisas é o entrelaçamento do tecido social, intelectual e espiritual das comunidades, que demonstra que outra visão da educação é possível e essencial. Ampliar nossa experiência durante os dois primeiros anos do Campus in Camps seria inspirador não só para universidades na Palestina, como também para muitos outros lugares. Um grande desafio do nosso mundo atual é como viver, expressar, interagir, pensar, conversar... para além do jargão profissional, das categorias acadêmicas e da lógica das instituições. Pensar criticamente é pensar em contexto; e a *Mujaawarah* é uma forma de organização em que não há hierarquia em qualquer nível.



Munir Fasheh

Envolvido em iniciativas inovadoras de aprendizado e conhecimento, trabalha atualmente com vários grupos no mundo árabe resgatando histórias e a contação de histórias para dentro do aprendizado.

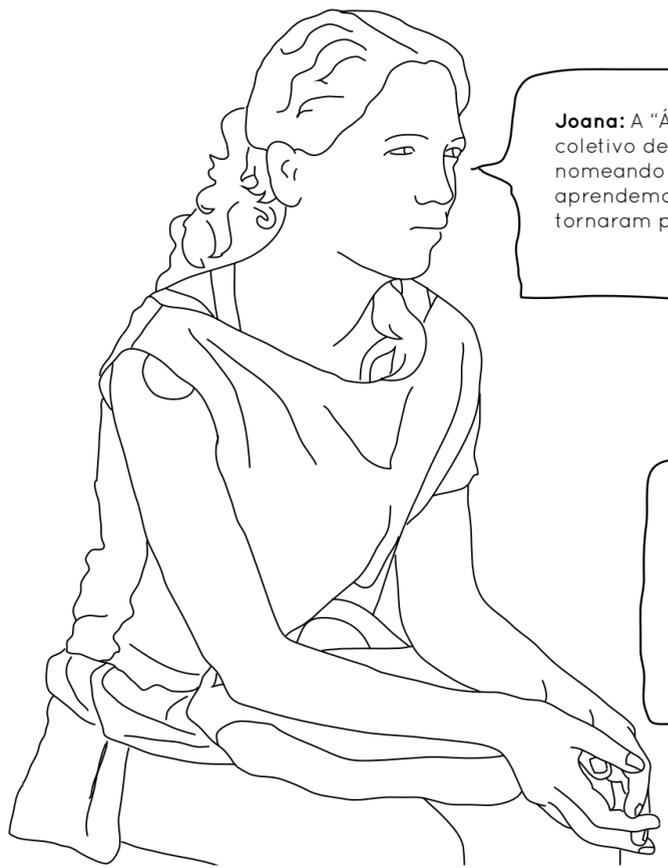


Louis Kahn
(1901-1974) Arquiteto e educador americano. Sua reinterpretação da arquitetura monumental desafiou os princípios da arquitetura moderna.

Louis Kahn: Acredito que as escolas começam quando os alunos não sabem que são alunos, os professores não sabem que são professores, e estão todos embaixo de uma árvore!

Sandi: Elaborando um pouco sobre o que o Louis Kahn disse sobre a origem da escola, gostaria de trazer para a discussão a ideia de uma Árvore-Escola. Na verdade, nós mesmos estamos formando uma escola. O que estamos fazendo agora é uma escola debaixo de uma árvore! Mas a Árvore-Escola que estamos formando agora, não deve ser apresentada como um modelo, e sim cada escola debaixo de uma árvore deve ter urgências e formas de produzir conhecimento diferentes.





Joana: A "Árvore-Escola" é um coletivo de pessoas em ação, nomeando "o quê" e "como" aprendemos juntos. Seres vivos se tornaram para nós grandes escolas!

Sandi: Nossa Árvore-Escola é uma árvore em diáspora e uma escola em exílio. A árvore não representa um território nacional e a escola não tem um currículo nacional. É uma Árvore-Escola que se move e produz conhecimento por meio de seu próprio deslocamento.



Alessandro: Na verdade, a escola deveria ser, acima de tudo, um local de encontro, um espaço comum, onde ideias e ações podem surgir por meio de discussões livres, críticas e independentes entre os participantes. Uma Árvore-Escola só pode existir com a participação ativa de seus membros. Chamamos esse espaço de *Al jame3ah* (universidade em árabe), que significa literalmente "local de reunião." Entendemos *Al jame3ah* como um local de encontro, um espaço para o aprendizado comunal, onde o conhecimento surge como um trabalho em grupo, e não apenas recorrendo a fontes externas. Assim, sua estrutura, constantemente reformulada, permite acomodar interesses e assuntos nascidos da interação entre os participantes, grupos de professores e o contexto social mais amplo. Para muita gente, o conhecimento se baseia em habilidades e informação. Mas a *Al jame3ah* enfatiza o contrário, um processo de aprendizado baseado em mudanças de percepção e abordagem crítica.



Rafael: Para pensar essa Árvore-Escola, uma das condições é que não haja tempo pedagógico medido em horas-aula. O tempo pedagógico se expande à própria vivência. Assim como em nossa *Mujaawarah*, na qual cada um que foi se somando ao grupo trazia uma possibilidade de desestabilizar tudo, a questão de não ter um formato fechado foi também uma possibilidade de criar aprendizado e construir conhecimento no interior dessa desestabilização. Ou seja, os aprendizados não saem de um ponto específico, por exemplo, alguém falando; e também não estão necessariamente atrelados a um tempo determinado e homogêneo. Mas correspondem a uma sequência de acontecimentos não-lineares que provocam conhecimento.



Cibele: E a conquista deste tipo de "espaço de elaboração coletiva" tem um significado profundo, na medida em que é acesso a um "espaço de liberdade". Por isso, a brincadeira e o brincar são tão importantes. Porque ativam nos corpos um certo tipo de "paisagem-potência" que está perdida em adultos e crianças e que é a mesma "paisagem-potência" que nos permite imaginar e inventar o nosso próprio lugar.

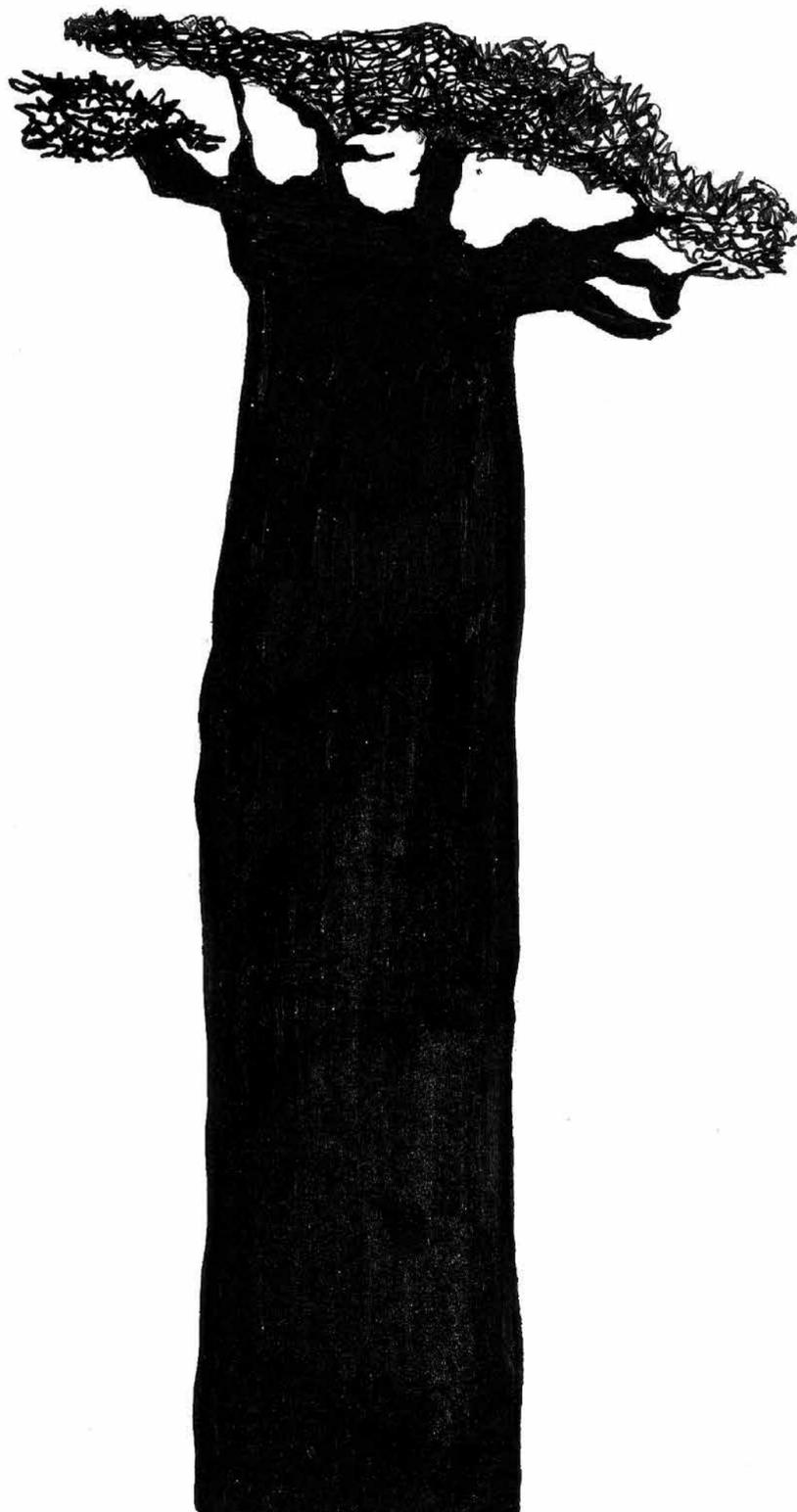
Joana: O caráter interventivo da Árvore-Escola vem daí. Porque a gente não está apenas observando uma determinada situação, mas nos colocando ativamente no centro dela, para construir uma compreensão compartilhada. O que produzimos é, em última instância, a evidência de que existe um corpo coletivo compartilhando uma nova sensibilidade que, ao ser anunciada, causa uma ruptura na situação estabelecida.



Alessandro: Um dos princípios da Árvore-Escola deveria ser não-normalizar a produção do conhecimento. Este é um importante conceito em relação à ideia de diáspora e exílio, essa ideia de não resolver, não encontrar a solução. Temos que trabalhar com o que temos à disposição, temos que fazer isso agora, senão ficaremos presos na ideia messiânica de uma salvação futura, seja o comunismo ou a religião. Precisamos aceitar que estamos em uma luta contínua por justiça e igualdade e nunca nos satisfazeremos com o *status quo*. Somente assim não seremos facilmente assimilados ou normalizados.

Joana: Neste sentido, o baobá pode ser uma "grande escola". Porque é uma árvore que traz a dimensão do comum, da comunicação, da comunidade, como se criasse um território não necessariamente ou apenas físico, mas também um território simbólico de conexão. Ele dá uma pista de como um saber, uma escola, um aprendizado, pode se dar em uma realidade diaspórica, seja ela palestina, africana ou judaica.





o baobá antena

12 de julho de 2014

Joana: É interessante existir um ser tão forte, capaz de nos fazer imaginar tantas histórias... Será que há uma história verdadeira sobre o baobá? TC, qual a sua história, como você o conheceu?

TC: Eu nasci com a história do baobá dentro de mim. Não sei explicar exatamente como, mas desde que me lembro, sempre tive alguma inquietação com ser negro, o que me fazia reagir a situações nas quais uma pessoa se considerava melhor, ou maior, ou com mais direitos que outra. Aos 6 anos, fui expulso de uma creche por conta de minhas manifestações de indignação contra injustiças e desrespeitos. O espírito do baobá já se manifestava em mim. Eu tenho duas netas gêmeas, de 3 anos, e na última vez em que nos vimos, uma delas me disse: “Voyó parece um baobá!” Eu não descobri o baobá. Como a minha neta disse, o baobá está em mim. Só tive acesso físico a ele em 2006, quando ganhei uma muda de presente de um amigo, Francisco de Assis, que é um “senhor das árvores”. Fui buscá-la com o fusca que tinha na época, apelidado de Vietnã. No caminho, no meio do trânsito congestionado de Campinas, fiz esta música:

*Eu tô voltando pra casa
com um pé de baobá
Eu tô voltando pra casa
com um baobá
Oba oba bá
Oba oba bá
Oba oba bá
Oba oba baobá*

Quando cheguei na Casa de Cultura Tainã, coincidentemente estávamos recebendo uma orquestra de tambores de aço de crianças de Trinidad e Tobago. Eles só falavam inglês, mas imediatamente aprenderam a cantar a música. Plantamos juntos o primeiro baobá no território da Tainã. Logo depois alguém veio de Moçambique e me trouxe mais sementes, comecei a desenhar a rota dos baobás. Quando dei zoom no mapa para colocar no ponto certo a linha que liga Inhambane, de onde vieram as sementes, à Tainã, vi que a linha passava na casa onde moro e na casa onde nasci.

Um dia, já com duzentas mudas, estava sentado com um senegalês pan-africanista e ele me perguntou por que eu plantava baobás. “Você nasceu na África?” “Não, carrego a África em mim, nunca estive lá.” Ele ficou emocionado e contou que o baobá é um símbolo do Senegal, porque quando os colonizadores invadiram o território africano, os anciãos saíam pelas vilas falando “vamos plantar baobás! Eles podem nos tirar das terras, mas os baobás eles não tiram”.

Um tempo depois, outro senegalês se emocionou nesse mesmo lugar, porque veio da terra dos baobás, mas nunca tinha visto tantos bebês baobás juntos. O que quero dizer é que vai muito além do que consigo explicar. O baobá me faz acessar um lugar que só ele consegue. Acho que é instrumento de fazer a gente se conectar com nós mesmos para, a partir daí, transformarmos qualquer coisa.

Comecei a plantar baobás por todo o país. Território onde tem baobá tem uma chave que abre, que convida, todos ali cabem. Se você planta baobás, você está liberando seu território para todos. Eliminando todas as fronteiras, o baobá não compõe fronteira nenhuma. Os baobás que plantamos em quilombos e outras comunidades criam uma rede de comunicação, são como antenas.



TC: Um dos maiores quilombos do Brasil, o Quilombo dos Palmares, foi fundado em 1630 e durou 100 anos antes de ser destruído. Havia quase 30 mil pessoas morando nele. Palmares ficou conhecido como a primeira república democrática das Américas. Os quilombos nasceram quando as pessoas se refugiaram buscando, de maneira autônoma, um lugar próprio para viver. Hoje, no Brasil, existem pelo menos 3 mil comunidades quilombolas. A maioria delas fica em áreas rurais. São territórios enormes onde há a possibilidade de uma vida sustentável, já que não há propriedade privada, apenas terra coletiva.

TC: Terra Vista faz parte do MST, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que ocupa terras abandonadas e improdutivas. Em 1993, cerca de duzentas famílias ocuparam esse território e vêm empregando tecnologias para a socialização na comunidade. Começaram produzindo comida orgânica, recuperaram a terra e tornaram-na produtiva de novo. Hoje, 20 anos depois, já produzem o melhor cacau da Bahia.

Peetssa: Terra Vista, o assentamento que estamos indo visitar, tem como objetivo tornar-se uma referência, igual ao Quilombo dos Palmares ou ao movimento Zapatista. Ele não é exatamente um quilombo, mas os seus habitantes, como em Palmares, são afro-indígenas. É um exemplo da integração de diferentes lutas, não só no sentido de “vamos dar as mãos e enfrentar os inimigos”, mas uma integração também sutil e subjetiva, de troca de sonhos.

Rafael: Vai ser interessante ver como, a partir de uma experiência máxima de perseguição e opressão, eles foram capazes de abrir um espaço para a criatividade e a autonomia, num lugar totalmente austero, que não parecia oferecer recurso algum.

Peetssa: Segundo Joelson, o grande sonho do pessoal que mora no Assentamento Terra Vista é construir uma escola que vá até a especialização ou o mestrado. A ideia é a criança começar desde a educação infantil e ter sua educação completa lá dentro.

Sandi: Administrar as expectativas é uma tarefa crucial. Tanto as expectativas deles quanto as nossas. Essas são questões sobre as quais precisamos refletir.

Alessandro: Ao mesmo tempo, precisamos ter cuidado em não idealizar essas experiências e perdermos nosso senso crítico. Precisamos continuar problematizando o que vamos ver. Um dos perigos é cair na armadilha de se sentir como um arqueólogo do século XIX, indo para uma floresta, encontrando coisas interessantes e exibindo-as num museu.

Ramiro: Eles têm conexão de internet?

Gil: Tem galinha e vaca lá?

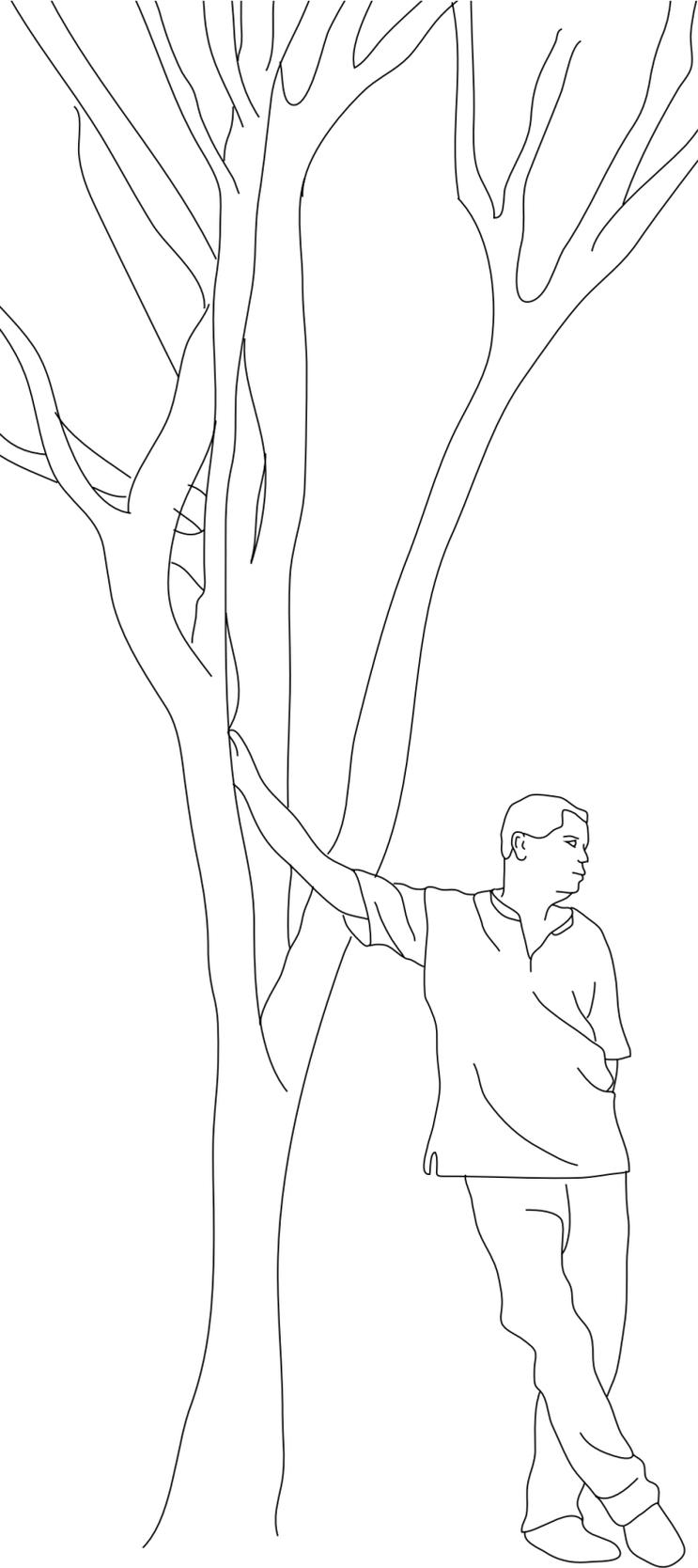
Seba: Manhê, a gente vai ver a fábrica de chocolate?

Tala: Lá é uma floresta? Tem cobra?

na estrada
Rumo ao Assentamento Terra Vista
13 de julho de 2014

Assentamento Terra Vista

14 de julho de 2014



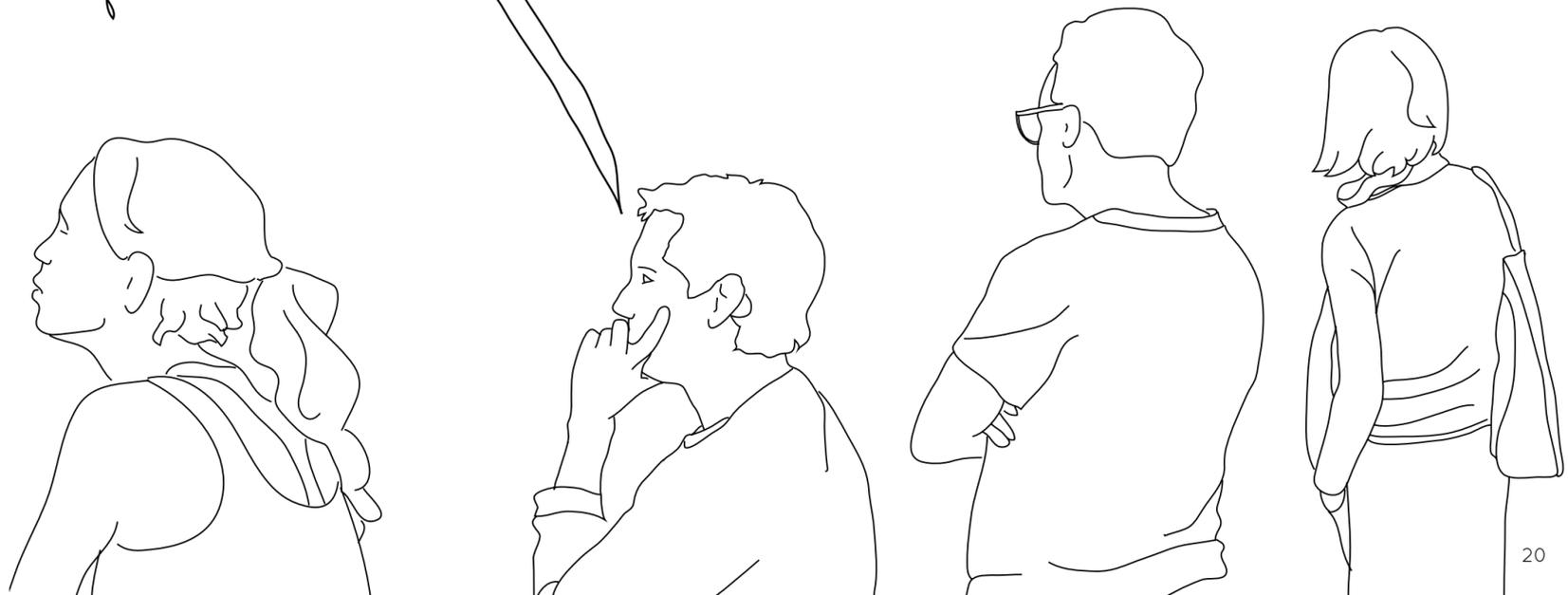
Joelson F. de Oliveira
Liderança do Assentamento Terra Vista.

Joana: Eu estava pensando e me dei conta de que a primeira coisa que o Joelson nos mostrou no Assentamento Terra Vista, foram duas árvores, o baobá e o pinheiro. Foi assim que ele nos recebeu, não com um discurso formal.

Pedro: Essa é uma maneira de construir uma nova cartografia espacial, uma nova memória social. Isso, no entanto, não faz com que as árvores sejam coisas inanimadas e externas, que só podem ser compreendidas como dispositivos de discursos. Elas são como quase-sujeitos, que se movem em mundos distintos. O mundo externo não é apenas manipulado, dirigido pelo discurso, pois os quase-sujeitos também têm a sua vitalidade, capacidade de afetação.

Alessandro: A primeira árvore que o Joelson nos mostrou foi um baobá jovem, que foi plantado para celebrar a conexão com a África e, particularmente, com os movimentos quilombolas. A segunda árvore, um pinheiro, tem uma história mais irônica. O Joelson disse que esse foi um presente dado para a comunidade diretamente das mãos do Yasser Arafat. Depois que ele morreu, deram o seu nome à árvore. Essa história é bem estranha, considerando que o pinheiro é usado como instrumento de colonização na Palestina desde os tempos do Mandato Britânico. O pinheiro foi escolhido porque cresce bem rápido, não precisa de muita manutenção e, principalmente, impede que outras plantas cresçam em torno dele. Isto cria uma monocultura que reduz a diversidade de animais silvestres e dificulta a criação de animais. O Fundo Nacional Judaico fez um uso massivo do pinheiro em seus programas de florestamento. Na maioria dos casos, florestas de pinheiros foram usadas para criar “cercas” ao redor de comunidades israelenses e suas redondezas. Também com o estabelecimento de parques nacionais, usaram pinheiros para esconder as ruínas dos vilarejos palestinos que haviam sido demolidos.

Sandi: Por que será que o Arafat teria dado um pinheiro ao invés de uma oliveira, que é o símbolo da resistência na Palestina?





Deysi Ferreira
Mora no assentamento Terra Vista e é
militante do Movimento dos Trabalhadores
Rurais Sem Terra.

descolonizando o chocolate

Na nossa região, as pessoas contam a história do cacau apenas de cem anos pra cá. Fala-se muito vagamente sobre os 250 anos do cacau no Sul da Bahia. Com o passar dos anos após a colonização, foi aumentando a devastação costa adentro do país. Esse território todo de Porto Seguro até Ilhéus era dos Tupinambás, enquanto que os Camacãs e os Pataxós habitavam a região de Arataca. Após tanto genocídio, esse povo foi fugindo e criando aldeias de refugiados, que hoje unem três tribos: Pataxós, Hã-Hã-Hães e Camacãs.

Para introduzir o cacau, os pioneiros vieram desbravar, colonizar — não diria nem colonizar porque vieram pra matar mesmo. Foram matando várias famílias que estavam dentro daquelas áreas, porque queriam fazer vilarejos, introduzir o cacau e ocupar esse espaço, marcar o território. Muitas índias foram estupradas, eles matavam os homens e ficavam com as índias. Aconteceu com minha bisavó, que foi índia capturada em território tupinambá. Ali, os que não foram mortos, fugiram. E os que não fugiram, foram obrigados a ir pra outros territórios e não se identificar mais como indígenas.

Depois de todo esse período de conflitos, de 100 anos pra cá, o cacau se intensificou muito. Mas os únicos que se beneficiaram disso foram os grandes coronéis, que acumularam os espólios. Eles se chamavam coronéis porque tinham tanto poder quanto o exército e o Estado.

Quando o cacau já tinha se consolidado na região, os coronéis deram o golpe final. Expulsaram as famílias de pequenos fazendeiros, indígenas e quilombolas. Mandavam capitães irem na frente e onde havia refúgio, destruíam.

Seu poder se resumia ao cacau. Quanto mais cacau, mais poder se tinha. Em algumas fazendas, mataram vários empregados porque achavam que não trabalhavam o suficiente. Meu avô, que queria sair da roça, era ameaçado de morte pelo coronel de quem era empregado. Ou saía, e lá na frente o capitão matava, ou aguentava o tranco até morrer de cansaço, como burro de carga.

Até que, 30 anos atrás, veio a praga da vassoura de bruxa. Há várias teorias sobre por que ela foi introduzida: competição entre coronéis, guerra bacteriológica provocada pelos Estados Unidos, porque o Brasil não se enquadrava no projeto deles... Tem gente que fala que foi Deus. Outros, que foi simplesmente um resultado da mudança na maneira de plantar, quando os coronéis acabaram com a cabruca, um método onde se faz o plantio do cacau junto com outras árvores, dentro da floresta. Esse fungo devastou a área inteira, mas, como efeito colateral, acabou com o poder dos coronéis.

Muitos coronéis se mataram. E os que já tinham mandado dinheiro

para fora, foram para as grandes metrópoles: Salvador, Rio e São Paulo. Seus filhos não tinham mais interesse nas terras, já que a região estava devastada. As roças de fazenda, um grande espólio, de repente estavam abandonadas. Nessas terras, ficava o burareiro ou o meeiro, o antigo empregado que se tornava o zelador e gerente da fazenda e que cuidava do espaço, entregando parte da produção pro coronel e ficando com parte pra si. Esse foi o caso do Assentamento Terra Vista, que se chamava antes Fazenda Bela Vista, cujas três irmãs herdeiras moravam no Rio de Janeiro.

A população estava desorientada, tinha perdido o rumo. Como a única alternativa era migrar para as grandes metrópoles, houve um grande êxodo rural. Com essa crise, naquele momento a região ficou vulnerável, não a ataques, mas no sentido de que tinha a possibilidade de o povo voltar para a terra. As pessoas começaram a voltar para as suas raízes. Grupos organizados, como o MST, começaram a chamar esse povo das cidades. Apesar de não se identificarem mais como agricultores, essas pessoas tinham vontade de voltar para a terra e de produzir seu próprio alimento.

Como parte de uma estratégia muito sistemática de ocupações maciças pelo MST, em 1992 ocorreu a ocupação que resultou em Terra Vista. Seu lema nunca foi só “ocupar e resistir”, mas a questão do ser humano em si: “Como tornar o território livre, pra poder se libertar para um território maior?” E assim, houve o retorno de pessoas que haviam sido expulsas da agricultura.

Durante um tempo, reproduzimos em Terra Vista a lógica do colonizador, ou seja, a monocultura e a organização hierárquica. E fracassamos. Mas no ano 2000, criamos o lema “Começar de novo”. Recomeçar com uma nova perspectiva. O assentado, que antes só sabia aplicar um método de trabalho, entendeu que tinha poder nas mãos. Tinham trabalhado 50 anos com cacau pro coronel e podiam, agora, trabalhar no seu próprio cacau. Pegaram a ferramenta que o coronel usava para explorá-los e a usaram em seu benefício.

Os indígenas, quilombolas e sem terra que conhecem a história dessa região sabem que o simbolismo inicial do cacau foi a escravidão. Mas também puderam ver o cacau ressurgir com o sistema da cabruca, dentro da mata. Com a mão do homem e da mulher cultivando naquele espaço, sem ninguém dizer o que tinham que produzir. A gente se reinventou com o cacau, fizemos o cacau brotar com o significado da liberdade. É o chocolate rebelde!

TERRA VISTA O CHOCOLATE REBELDE!



“...é tão legal que as crianças no assentamento possam pegar o chocolate delas nas próprias árvores, sem precisarem comprar no supermercado.”

Arthur: Para nós, é um desafio tornar a política pública de educação adequada à dimensão do assentamento, porque ela vem pronta. Por exemplo, aqui temos pessoas com grande conhecimento da terra e trazemos algumas delas para serem professores. Porém, temos um sistema horrível de contratação de servidores, mas é isso o que se tem no Brasil, e só conseguimos contratar pessoas assentadas que estudaram, que têm graduação. O Estado é burocrático e não reconhece que pessoas com outras formas de conhecimento também graduam.

Outra grande dificuldade, é que os alunos urbanos vêm com vícios da cidade, não entendem muito como é viver no campo, mas quando colocamos alunos e assentados juntos nos estágios, nas práticas, vemos essa troca e a interação pode acontecer.

Sandi: Eu entendo como um grande desafio não cair na cilada de se tornar um projeto totalmente burocrático. Até mesmo nesta forma de alunos sentados e professores em pé, “ensinando”, na qual há uma total desconexão em relação à compreensão do que significa viver em coletividade. Como diretor, você já tentou entender em coisas mínimas, como a organização do espaço, se é possível trazer parte do espírito do assentamento para cá?

Arthur: Nós conseguimos alguma abertura quando criamos projetos na escola que conectam o cotidiano do assentamento com esse espaço formal de produção de conhecimento. A biofábrica de chocolate e o curso de agroecologia são exemplos disso.

Solange: Com essa conversa, fiquei pensando que têm poucos velhos no assentamento, e o quanto gosto de ouvi-los. Escrevi uns rascunhos de alguns contando suas vivências nessa região, que são cheias de histórias da época do cacau e do colonialismo, porque eles conhecem toda a história. E eles morrem levando os segredos com eles. Uma vez, uma senhora curou meu filho com remédio caseiro. Fez um doce de abacaxi e toda vez que dava uma colherada para ele, eu comia também. Ela me dizia “se você soubesse o que tem neste doce...” Os antigos misturam muitas coisas que pegam na mata. Minha mãe conhece todas as ervas. Tudo quanto é mato tem uma função.

Cibele: Anotar estas histórias e fazê-las parte dos projetos da escola não seria uma forma de reconhecê-las como “conhecimentos da terra que graduam pessoas”, como disse o Arthur? Como estes conhecimentos entram na escola? Como a escola se relaciona com os conhecimentos dos velhos? Alguns pensamentos surgiram a partir do diálogo que tive com os alunos, como a importância de aproveitar essa integração que existe entre jovens assentados e jovens de fora do assentamento, para reinventar e desburocratizar, de dentro deste encontro, esta escola, que vem da “conexão com a terra”, e não do “ser sem terra”.

Cibele: Oi! Meu nome é Cibele e estou com este grupo, visitando a escola de vocês. Estamos criando um projeto de arte que vai virar um livro e uma exposição, discutindo questões como terra, educação, espaços de construção coletiva. Viemos de São Paulo e da Palestina, alguns vivem em campos de refugiados e estão muito interessados nas experiências do assentamento. Vocês estudam aqui? São de qual curso?

Aluna: Somos de diferentes cursos, alguns de zootecnia, outros de agroecologia.

Cibele: Todos vocês moram aqui no Assentamento Terra Vista?

Aluno: Não. A maior parte de nós vem de fora, de cidades vizinhas.

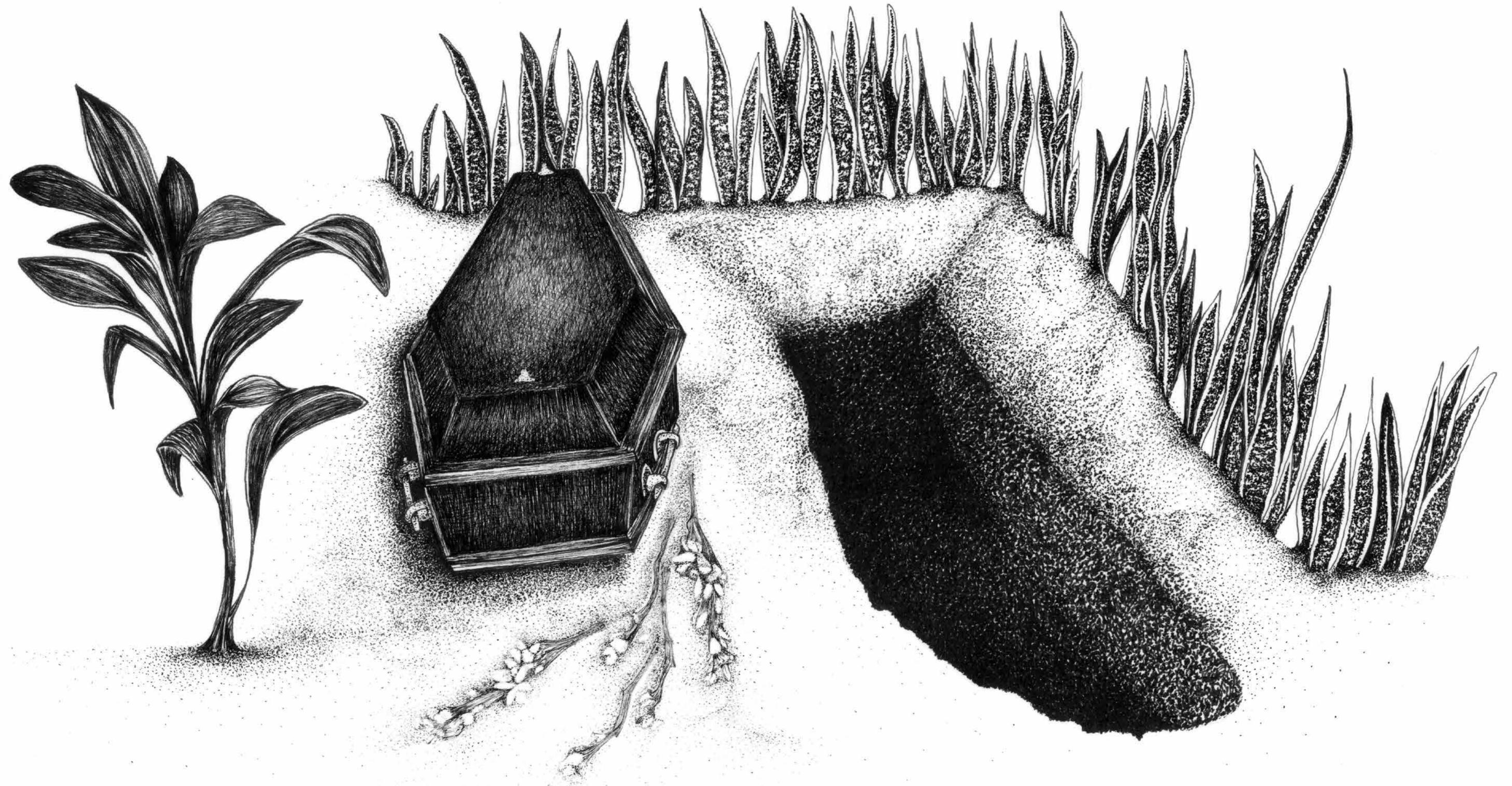
Cibele: E como é a experiência de estudar em uma escola que fica dentro de um assentamento do MST? Como isso repercute nas suas famílias e nas comunidades onde vocês moram?

Aluno: É interessante. Hoje sentimos que existe mais respeito, porque é uma das melhores escolas da região. Mas ainda existe muito preconceito, muitas pessoas não entendem o que é um assentamento, dizem que estudamos em escola de “sem terra” e pensam que aqui todos são violentos...

Aluna: Nós aprendemos sobre o problema da terra no Brasil de uma forma que não aprenderíamos em outro lugar.

Arthur de Oliveira Neto
Diretor do Centro Estadual de Educação Profissional do Campo Milton Santos, que fica dentro do Assentamento Terra Vista.

Solange Brito Santos
Militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e diretora da escola Florestan Fernandes no Assentamento Terra Vista.



retorno ao mar

De 16 a 24 de julho de 2014

Sandi: Ontem, durante o funeral da dona Ana, e ouvindo você, Solange, falar sobre seu esforço em coletar as histórias dos anciãos, eu refleti sobre o fato dos palestinos tentarem documentar o maior número possível de histórias do passado, antes que os mais velhos morram. Em 1948, quando foi estabelecido o Estado de Israel, os refugiados palestinos foram obrigados a deixar seus vilarejos e cidades e muitos perderam o acesso ao mar. O símbolo do refugiado palestino é a chave da casa que ele ou ela perdeu. Representa o direito de retorno às suas casas, ou simplesmente, de retorno. Só que a chave parece representar apenas a propriedade privada perdida. Mas nós perdemos muito mais coisas que não eram privadas, mas coletivas, como as cidades de Haifa, Jafa e Acre. E o mar. Chegou o momento de pensarmos o retorno ao Mar Mediterrâneo como um direito comum perdido por todos os palestinos, refugiados e não-refugiados. Eu não sou refugiada, não perdi minha casa, mas perdi o Mediterrâneo. Sou uma pessoa mediterrânea que não tem acesso físico ao mar. O desejo de retorno ao mar é um desejo comum a todos os palestinos. Um mar em que nossos olhos possam enxergar além do fechamento e das fronteiras que nos cercam em nossa vida cotidiana. Quando os palestinos finalmente têm uma chance de cruzar a fronteira, é para o mar que eles vão.

Solange: Sobre esse sentido de *retornar*, fico às vezes pensando que a minha mãe tem um conhecimento muito grande de ervas medicinais, mas ela nega a própria cultura. Ela é negra e sofreu muito na infância, porque foi dada pelos pais para uma família branca que sempre falava para ela: "Nunca case com um homem preto". Então, ela internalizou isso e achava que a pele dela era culpada pelo seu sofrimento. E para aliviar toda essa dor, passou a ser evangélica. Ela abomina o candomblé, os tambores, por exemplo; e acha que o paraíso está lá no céu. Eu percebo que a minha mãe não tem mais retorno, mas que eu preciso compreender esse processo dela, porque a partir de uma certa idade, para muitos, parece que não faz mais sentido retornar. Por isso, eu fico feliz quando vejo pessoas que conseguem retornar. Fico feliz quando vejo dona Maria Muniz, indígena da etnia Hã-Hã-Hãe que mora aqui perto. Ela tem a mesma idade da minha mãe e foi expulsa junto com sua mãe para a cidade quando criança. Mas, recentemente, retomou as suas terras. Ela retornou, ela teve o privilégio de retornar.

Sandi: Como viemos da Palestina, quando ouvimos a palavra "ocupação", para nós é estranho que vocês, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, sejam os "ocupantes". Fico pensando que, como palestinos, nós consideramos os israelenses como os "ocupantes" quando tomam algo que não é deles. Pensamos muito nisso quando aqueles movimentos na Europa e nos Estados Unidos se chamaram de *occupy*, aquilo nos incomodou. Porque você só ocupa algo que não é seu. Por isso, quando eu te ouço falar, eu sinto que, se indígenas estavam nessas terras antes da colonização, então retomar a terra depois de tantos anos não é uma ocupação, mas uma espécie de retorno.

Solange: Achei bonito pensar como retorno, mas gosto da palavra "ocupar", porque diferencia de "invadir". Quando se fala "invasão" para descrever o nosso movimento, para a gente é ofensa, machuca, porque na verdade os invasores foram os colonizadores que proibiram que índios e negros tivessem terra para viver.

TC: Nos quilombos, não se quer retornar a um outro lugar, eles sentem que já estão no lugar deles. O quilombo é o meu lugar, é ligado à minha memória e minhas raízes estão aqui. O processo de colonização nos fez perder a referência africana que tínhamos. Não sabemos de onde viemos. Então, para onde retornaríamos na África? A ideia de retorno existe, mas é um retorno diferente, um retorno para um lugar dentro de nós. Um retorno para uma visão cósmica, seja ela africana ou indígena, para que a gente possa reconstruir nossa sociedade a partir de uma outra perspectiva. Não é um retorno para um lugar específico.

Isshaq: Na Palestina, algumas pessoas entendem o retorno como a volta a um passado perfeito. Outras, como a ida a um futuro perfeito. Mas, enquanto isso, nós dizemos "retorno ao comum", retorno ao Mar Mediterrâneo. Há uma busca pelo que somos.

Ahmad: Sinto que nossa geração, a terceira após o *Nakba*, é como a nova geração do baobá. Ambas nasceram no exílio e tentam se redefinir hoje, não sabendo nada sobre o seu contexto original. Bebemos a água e comemos a comida do exílio, construímos nossas vidas inteiras no exílio. Então, que significado pode ter para nós a "terra natal"? Que significado pode ter o retorno? Retorno para o quê? Se viermos a retornar, o que faremos com essa vida que construímos no exílio? Talvez o baobá no contexto brasileiro não tenha feito essas perguntas, mas o baobá palestino, sim.

Eugênio: Pra mim o baobá não é nem retorno para a África, nem formação da identidade brasileira, o baobá não é uma árvore em exílio, é uma árvore criadora de mundos.



Sobre a escuta...



Jerusa: Para mim, o maior ensinamento durante o processo na Árvore-Escola, foi a escuta; abrir mão de todas as bagagens, do que eu "achava"; porque me vi em um lugar de não poder mais julgar e de começar a reconhecer as diferenças entre todos nós, na forma como cada um recebe e processa as coisas. Fiquei completamente entregue ao silêncio para conseguir olhar todas aquelas reações ou impossibilidades de reação que surgiam. Para aceitar, de verdade, todas as formas de existência dentro de mim.



Sandi: Uma coisa que acontece na Palestina, ou quando viajamos para fora e falamos a respeito, é que as pessoas, no geral, falam que só podem escutar, porque não sabem nada sobre a Palestina e, portanto, não podem dizer nada. Isso acaba isolando os palestinos em uma causa aparentemente muito local. Mas e se as pessoas participassem e não apenas escutassem? Isso é algo que eu, aos poucos, começo a entender. Mesmo que eu não saiba nada sobre o Brasil e vocês sobre a Palestina, de alguma forma participamos das vidas uns dos outros. A gente não apenas se escutou. Isso é uma parte essencial dessa escola, isso de se entregar e não de apenas se dispor a escutar.



Joana: Mas essa escuta de que a Jerusa fala é outra escuta. Nós tivemos supervisão pedagógica durante muito tempo com a filha do Paulo Freire, a Fátima Freire, e ela ensinava a "escuta vazia": como se esvaziar por dentro para o outro poder caber dentro de você, para não ficar sempre ouvindo e tentando encaixar as categorias do outro nas suas categorias. É um jogo muito difícil. Como não subjugar ou subestimar o outro e, por isso, apenas escutá-lo a partir de um lugar de "culpa"; e nem, na ânsia de participar, de construir algo em comum junto, ficar toda hora tentando procurar uma equivalência que não existe e, assim, acabar não escutando, de fato, o que está acontecendo com esse "outro". Que lugar é esse em que nem somos omissos e nem nos impomos sobre o outro, que escuta é essa? Na verdade, estávamos a todo o momento falando de escutas diferentes, porque a escuta tem muito a ver com o lugar de onde cada um vem. Vocês estavam falando de uma urgência de escuta e a gente de outra urgência de escuta. Vocês, de não se omitir de uma implicação política; nós, de não sobrepormos as nossas categorias às categorias dos outros.



Peetssa: Esse processo que vivemos me fez parar pra refletir sobre aceitar e escutar, abrir esse espaço vazio. Tem a ver com se deixar ir com o vento. Em nossa experiência urbana sempre propomos ritmos, situações, soluções. Mas, muitas vezes, o mais importante é observar e estar preparado para o que vem, saber lidar com o tempo sem acelerar, nem desacelerar, nem controlar. Se a gente não consegue respeitar o outro e os outros tempos, a gente sofre e não consegue estar ali, presente. Estamos sempre querendo estar noutro lugar. E com calma chegamos a um equilíbrio. Porque não existe consenso, existe um equilíbrio dos elementos. Estamos unidos em uma luta por espaço. Espaço para ser escutado, espaço para ter tempo para escutar. Vai além de terra e teto. O espaço vai além da terra e precisamos criá-lo em nossas relações.

Sobre o conhecimento...



Alessandro: Nesta nossa escola, achei relevante que pudemos estabelecer uma produção de conhecimento por meio da inclusão de pontos de vista radicalmente diferentes. Essa Árvore-Escola não tem como objetivo padronizar o conhecimento e fazer as pessoas concordarem em tudo. As pessoas acham que o conhecimento é produzido quando pessoas semelhantes se reúnem, mas foi na diversidade que o conhecimento pôde, de fato, se ampliar.



David: Para mim, foi muito importante aceitar que não entendo tudo mas, ao mesmo tempo, manter um olhar crítico e refletir o bastante para poder desfrutar daquilo que não consigo entender.



Floriana: Um aprendizado que eu tive na Árvore-Escola e que acho que poderia ser interessante para a construção dessa escola é a capacidade de suportar o desconhecido. Permitir-se ser permeado e, por um instante, não julgar.

Sobre a morte...



Jerusa: A morte da Dona Ana, no assentamento, colocou tudo o que eu achava que tinha ido fazer em cheque, porque me fez perceber o lugar a partir de uma presença sensível, não-racional. Tem coisas muito maiores que as situações específicas; a morte é maior que tudo, a terra, o mar, ou mesmo o baobá. Existem forças irredutíveis e, diante delas, a gente tem que se colocar em um lugar de humildade.

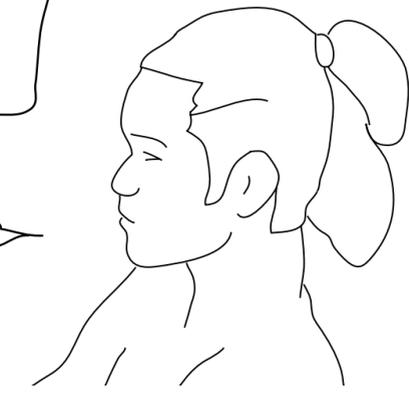
Peetssa: Me lembrei de nossas conversas sobre memória. Tudo carrega memória. Agora, na beira do mar posso sentir tanto os navios bombardeando Gaza, quanto nossas raízes, do outro lado. Ou mesmo a memória dos povos indígenas que morreram aqui, nesta praia. Essa memória é uma inegociável força do mundo que está dentro de cada um, mesmo que não pensemos nisso.

Rafael: Um pensamento ou conceito que apareceu para mim e que utilizamos em direitos humanos na Argentina é o conceito de continuidade histórica: para entender o presente, é preciso sempre ligá-lo aos processos históricos, deixando de vê-lo como coisa. Essa, para mim, foi uma das potências proporcionadas por essa jornada. Quando a Tala falou que aprendeu muito com o Chocolate Rebelde, me dei conta de que será difícil para ela, agora, comer um chocolate sem lembrar do chocolate produzido no Assentamento Terra Vista. Assim como para nós será difícil comer qualquer chocolate sem lembrar de todas as histórias de violência e liberação que podem estar contidas nele. Ou seja, o que costumava ser um simples gesto, comer chocolate, tornou-se muito mais preenchido de historicidade.

Alessandro: Enquanto grupo, o que fizemos foi basicamente juntar coisas por meio do ato de tornar comum. Acho que esse foi um dos desafios do processo, porque uma das questões que fica é como estabilizar esse ato de tornar comum, algo que talvez seja mais relacionado ao público e a formas institucionais. O comum é algo diferente do público porque sempre tem um caráter temporário. Daí, surge uma questão fundamental, sobre como o ato de tornar comum se relaciona com o público e com as formas de conhecimento já institucionalizadas. Temos de tomar cuidado para não pensar o comum como apenas uma alternativa ao público, sob o risco de cair no isolamento, na auto-exclusão e na precariedade. Então, coloco essa questão para a Árvore-Escola: esta experiência começa e depois acaba ou ela pode se relacionar com o sistema de educação formal?

Joana: Talvez essa relação com o irredutível seja o que nos dê a chance de construir o comum. Agora entendo que não é possível construir essa dimensão do comum somente na dimensão humana, isto é, só entre seres humanos, ou pensando que apenas seres humanos habitam o mundo.

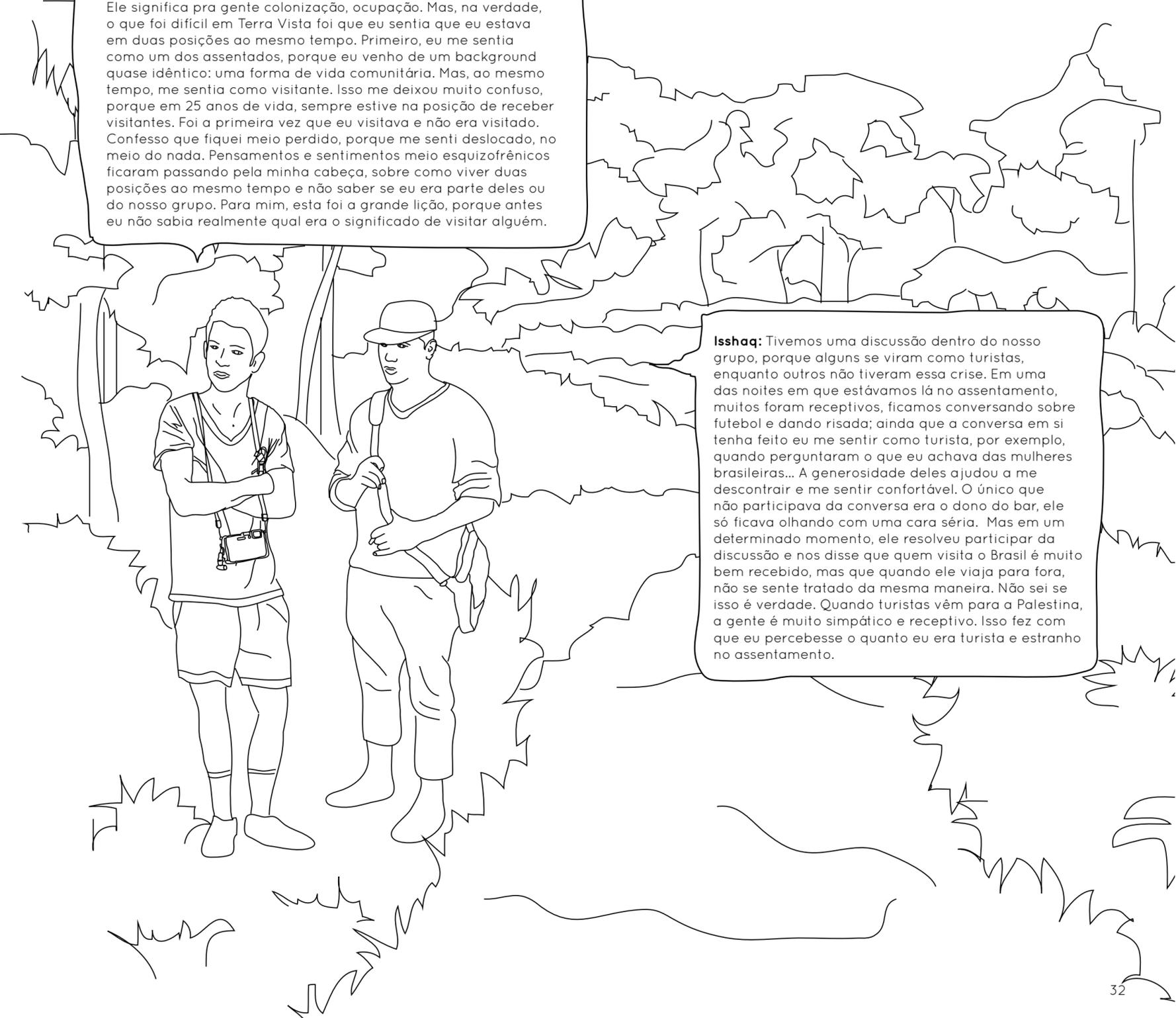
Sobre o tornar comum...



Sobre visitar e ser visitado...

Ahmad: Uma coisa que me incomodou em Terra Vista foi a palavra assentamento. Nós, palestinos, somos alérgicos a este termo, porque o associamos aos assentamentos israelenses. Ele significa pra gente colonização, ocupação. Mas, na verdade, o que foi difícil em Terra Vista foi que eu sentia que eu estava em duas posições ao mesmo tempo. Primeiro, eu me sentia como um dos assentados, porque eu venho de um background quase idêntico: uma forma de vida comunitária. Mas, ao mesmo tempo, me sentia como visitante. Isso me deixou muito confuso, porque em 25 anos de vida, sempre estive na posição de receber visitantes. Foi a primeira vez que eu visitava e não era visitado. Confesso que fiquei meio perdido, porque me senti deslocado, no meio do nada. Pensamentos e sentimentos meio esquizofrênicos ficaram passando pela minha cabeça, sobre como viver duas posições ao mesmo tempo e não saber se eu era parte deles ou do nosso grupo. Para mim, esta foi a grande lição, porque antes eu não sabia realmente qual era o significado de visitar alguém.

Isshaq: Tivemos uma discussão dentro do nosso grupo, porque alguns se viram como turistas, enquanto outros não tiveram essa crise. Em uma das noites em que estávamos lá no assentamento, muitos foram receptivos, ficamos conversando sobre futebol e dando risada; ainda que a conversa em si tenha feito eu me sentir como turista, por exemplo, quando perguntaram o que eu achava das mulheres brasileiras... A generosidade deles ajudou a me descontrair e me sentir confortável. O único que não participava da conversa era o dono do bar, ele só ficava olhando com uma cara séria. Mas em um determinado momento, ele resolveu participar da discussão e nos disse que quem visita o Brasil é muito bem recebido, mas que quando ele viaja para fora, não se sente tratado da mesma maneira. Não sei se isso é verdade. Quando turistas vêm para a Palestina, a gente é muito simpático e receptivo. Isso fez com que eu percebesse o quanto eu era turista e estranho no assentamento.



Sobre a natureza...



Pedro: Já que estamos falando tanto de árvores, tenho pensado que o baobá não é somente uma metáfora ou símbolo religioso; o baobá é uma espécie de agente, com sua autonomia dentro daquele mundo possível em que ele faz sentido. Árvores não podem ser apenas compreendidas por meio de palavras, pois as palavras não dão conta de tudo. Mas é importante lembrar que o TC e sua rede inventaram um outro baobá, que se comporta como outro ente, já diferente do que seria essa árvore para sociedades tradicionais africanas. Essa nova invenção se vale do background do baobá para as sociedades da África, mas se transforma em outra coisa. Se a ideia é que ele seja um dispositivo do futuro, uma antena, então precisamos pensar qual novo ente ele se torna nesse mundo que está sendo inventado pelo TC.

Joana: Foi significativo, nesse sentido, experienciar uma jornada na qual a relação entre natureza e cultura estava a todo momento sendo subvertida. Por exemplo, quando pessoas são capazes de viver uma descolonização dos próprios corpos e pensamentos por meio de um embate de sentido com certas árvores.

Pedro: Quando o Joelson andava com a gente em Terra Vista, ele sabia o nome de todas as árvores e tinha uma história para cada árvore; fazia o espaço se transformar a partir de uma nova memória social assentada nas árvores, que é uma memória viva, e não de computador. Da mesma maneira que o assentamento foi transformado por meio da vegetação, e não apenas da arquitetura, a memória do espaço anterior ainda assim permanece, mesmo dentro dessa nova reconfiguração dos corpos.



Sobre nomadismo...



Walter: Eu sempre pensei que uma grande mobilidade, no sentido de uma diversidade de experiências culturais e de identidades, era possível, sobretudo, por meio do movimento entre diferentes países ou mesmo continentes. Mas o fato de ter encontrado aqui no Brasil tantos ativistas numa constante zona de trânsito entre comunidades e regiões brasileiras, me deu uma nova compreensão sobre a densidade do país. Também me pareceu que categorias identitárias, como nativo, negro e europeu, são bem menos rígidas. Elas são fluidas o bastante pra que se possa brincar com elas criativamente. Definitivamente, há um nomadismo; as pessoas circulam muito entre lugares bem diferentes, apesar da impressão de uma enorme unidade de brasileiros que só falam português, com uma mistura meio homogênea de influências do passado. O fato de as identidades não estarem dadas torna a arena da investigação cultural interessantemente difícil de representar. Dá pra gente migrar sem nunca transpor a fronteira nacional.

Peetssa: No Quilombo do Ribeirão Grande, carregamos 5.000 sementes de Jussara germinando, 10.000 sementes de feijão de corda, 3.000 sementes de milho crioulo, mamão verde, limão cravo, cana e caiana, rizomas de gigante e guádua e mossô. Com a rapadura no bolso e um pote de doce de cidra, embarcamos no Trem da Alegria ao nosso próximo destino. Quatro dias comendo chão, rumo ao nordeste, vemos pela janela a paisagem mudando hora a hora, quilômetro a quilômetro, noite a dia, por três fronteiras, até cansar... Após 2.500 quilômetros, finalmente, Sul da Bahia e Assentamento Terra Vista!

Não temos muito tempo... Mas temos tempo suficiente. Suficiente para semear as sementes que já estavam querendo nascer e devolver para a terra os rizomas prontos para crescer. Compartilhar, entre almoço e jantar, uma rapadura feita pelo Mestre Penincha. Com a enxada na mão, três árvores para Don'Ana.

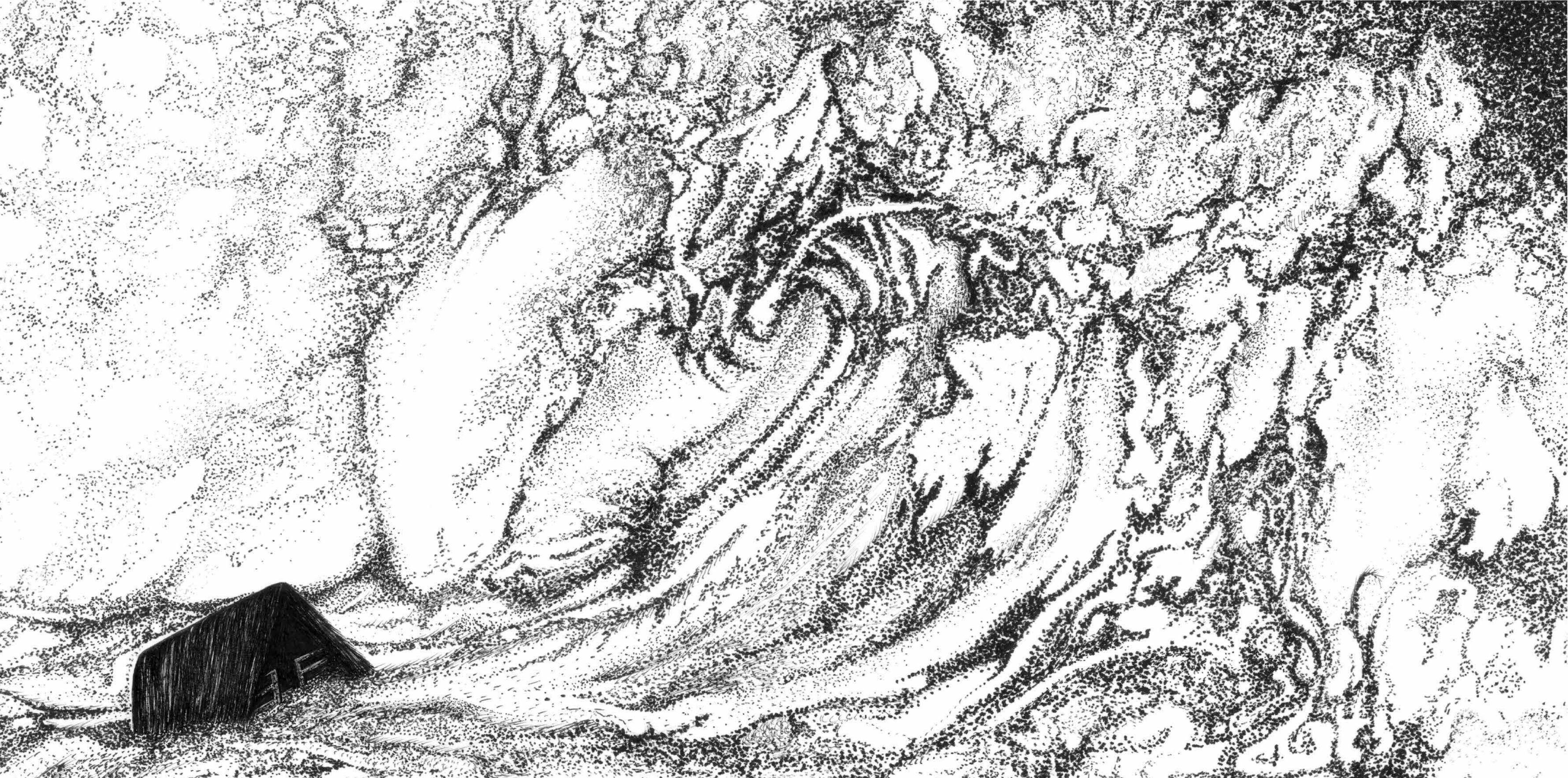
Escambamos futuros. Recebemos de Terra Vista 30.000 sementes de açaí, cinco qualidades de milho crioulo, duas de feijão de corda, feijão verde, ingá, pau-brasil, ipê, pau-óleo, cedro senegalês, pepino, abóbora, cacau torrado e cacauada, e muitos sonhos para o futuro. Para "construir um mundo mais do nosso jeito." A riqueza que carregávamos era imensurável... No lombo, e estava pesado...

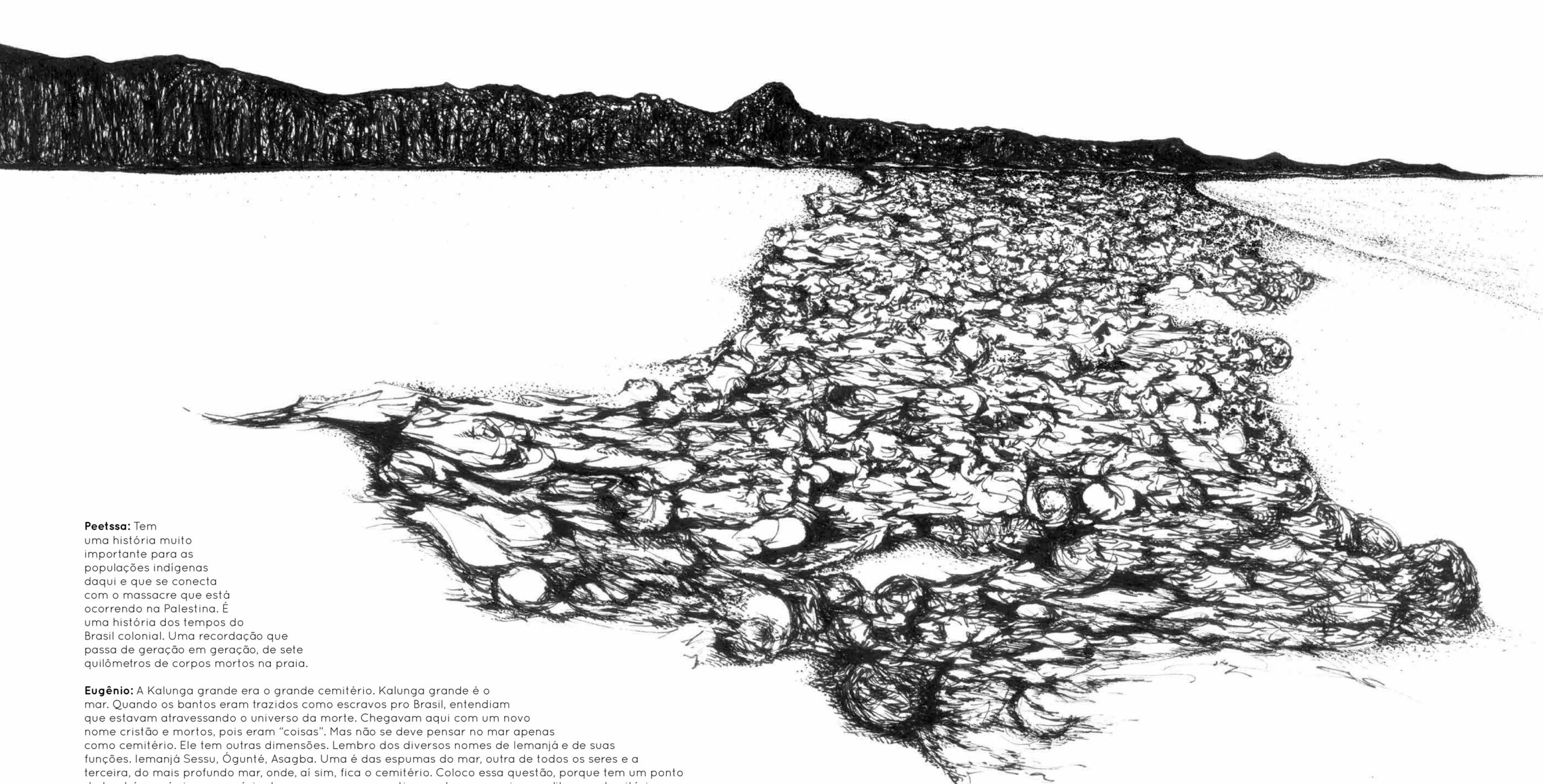
Hora de partir. Embarcamos no Trem da Alegria à voz de Fairuz, acompanhados de Isshaq e Ahmad, camaradas que nunca imaginaram ser possível percorrer tamanha distância por terra. Eles não podiam acreditar no tamanho deste Brasil, país continental, entre densas florestas de Mata Atlântica, muita lama, gaviões, quatis e gentis brasileiros... Levamos um dia inteiro para cruzar a 1ª fronteira. Costa do Cacau, Costa do Descobrimento, Tupinambás, Pataxós, Monte Pascoal, Caravelas... Sentimos a história passando sob nossos pés.

Recém passamos a 2ª fronteira, já no 3º dia de viagem, Isshaq conseguiu avistar o Cristo Redentor. Estávamos muito distantes do Cristo, cerca de 300 km, porém a imaginação faz tudo possível. Após 5.000 quilômetros e oito dias de viagem, chegamos ao destino final, o quilombo do Ribeirão Grande. Os quilombolas receberam com muita alegria a retribuição de Terra Vista, inclusive os sonhos e suas semelhanças.

As águas não param de correr.







Peetssa: Tem uma história muito importante para as populações indígenas daqui e que se conecta com o massacre que está ocorrendo na Palestina. É uma história dos tempos do Brasil colonial. Uma recordação que passa de geração em geração, de sete quilômetros de corpos mortos na praia.

Eugênio: A Kalunga grande era o grande cemitério. Kalunga grande é o mar. Quando os bantos eram trazidos como escravos pro Brasil, entendiam que estavam atravessando o universo da morte. Chegavam aqui com um novo nome cristão e mortos, pois eram “coisas”. Mas não se deve pensar no mar apenas como cemitério. Ele tem outras dimensões. Lembro dos diversos nomes de lemanjá e de suas funções. lemanjá Sessu, Ôgunté, Asagba. Uma é das espumas do mar, outra de todos os seres e a terceira, do mais profundo mar, onde, aí sim, fica o cemitério. Coloco essa questão, porque tem um ponto do baobá que é sim a memória de que o massacre continua e de que precisamos liberar o território, mas ele não é apenas símbolo da resistência, é também construção de futuro.

TC: Quando eu toco na água do mar, eu faço uma homenagem a todos os meus ancestrais que morreram na travessia do Atlântico.

16 de julho, praia de Gaza
Exército israelense mata quatro crianças que brincavam na praia.

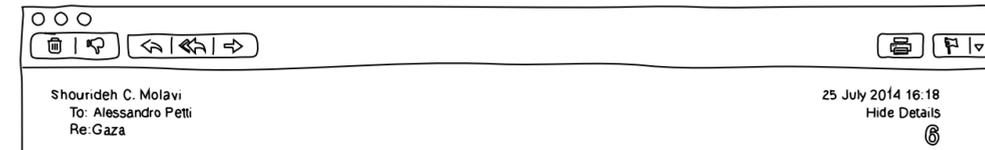
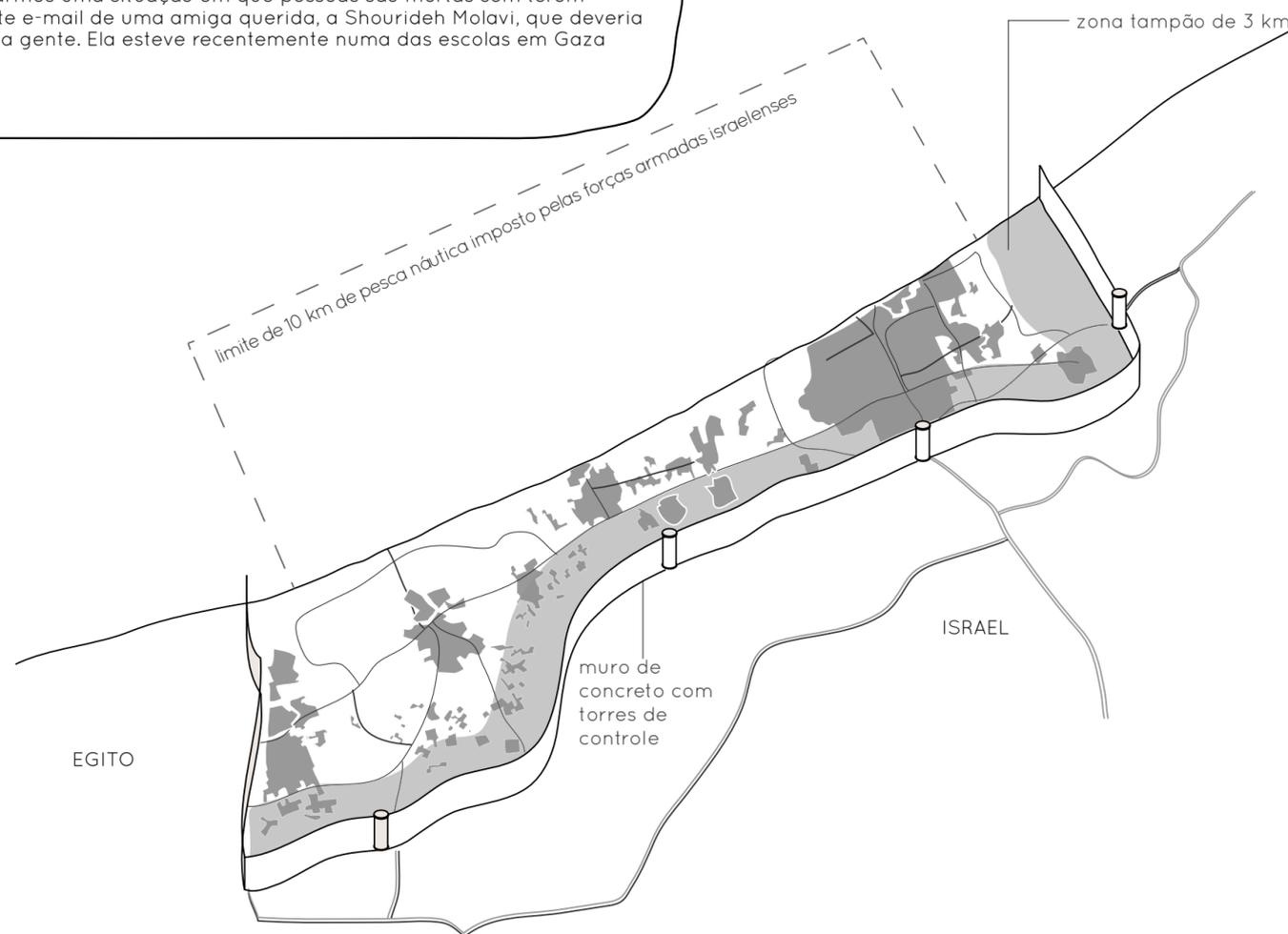
CIDADE DE GAZA — Os quatro meninos Bakr eram primos, filhos de pescadores de Gaza que lhes tinham pedido para ficarem dentro de casa — e, sobretudo, longe da praia. Mas após nove dias de confinamento devido aos bombardeios israelenses, as crianças desafiaram seus pais e saíram quarta-feira à tarde, ainda que o mais velho tenha tentado impedir seu irmão menor, avisando-lhe que era perigoso demais. Enquanto brincavam em um cais sob o sol do fim da tarde, uma explosão atingiu um barraco próximo. Um dos garotos morreu na hora. Os outros fugiram. Houve uma segunda explosão e mais três corpos caíram na areia. Um foi carbonizado e perdeu a perna, outro permaneceu imóvel, a cabeça de cabelos encaracolados intacta, mas as pernas se abriam em ângulos não naturais. Mais tarde, as forças armadas israelenses reconheceram ter realizado o ataque, afirmando que tinham como objetivo militantes do Hamas, considerando, finalmente, as mortes de civis como “uma consequência trágica.”
<http://www.nytimes.com/2014/07/17/world/middleeast/gaza-strip-beach-explosion-kills-children.html>

Alessandro: É trágico que, no momento em que discutimos a Árvore-Escola como escola no exílio e local de refúgio, seis escolas em Gaza foram atingidas, matando quarenta e sete pessoas e ferindo centenas. Em períodos de violência, as escolas da UNRWA (Agência das Nações Unidas para os Refugiados Palestinos) geralmente se transformam em abrigos, locais seguros nos quais as pessoas podem se refugiar. Infelizmente, isto não impede o exército israelense de bombardeá-las, matando pessoas inocentes.

Pensamos sempre que a nossa tarefa a longo prazo na Palestina é não acompanhar as notícias produzidas pelos meios de comunicação de massa, não fazer de nosso trabalho apenas uma reação à violência militar. Mas diante de toda essa devastação eu fico completamente paralisado, sem condições de continuar, frustrado por não poder estar na Palestina...

Mais de 1,8 milhões de pessoas vivem em Gaza, a maioria delas tendo sido deslocada entre 1947 e 1950. Eles vêm originalmente de vilarejos e cidades bem próximas do local de seu deslocamento e refúgio. A partir de 1948, suas casas e aldeias foram destruídas pelo Estado de Israel, que tem tentado apagá-las da face da terra e da memória, em alguns casos cobrindo as ruínas com florestas, em outros, construindo novas cidades israelenses por cima delas. O último ataque contra refugiados palestinos em Gaza faz parte de uma ofensiva permanente contra refugiados, um Nakba permanente que começou há 66 anos. Para o Estado de Israel, os refugiados palestinos são seu pior pesadelo, já que a mera presença deles problematiza a existência de um Estado baseado em limpeza étnica e expropriação. Ao longo de todos esses anos, os palestinos não desistiram de seu direito de retorno a suas casas de origem, nem de seu direito de viverem dignamente. Israel afirma que os ataques e as mortes de civis são um mal necessário. Eles querem convencer o mundo de que esses eventos terríveis são como uma catástrofe nacional, como um tornado ou um tsunami, algo que não podemos impedir e que precisamos aceitar, como ciclos, uma guerra após a outra. Mas pelo contrário, isso tudo é planejado politicamente e executado pelas forças armadas.

Gaza é uma faixa de 360 km². Imaginem um retângulo de 40km x 9km, cercado por muros, cercas, postos de controle e bloqueios militares por todos os lados. Israel ergueu paredes de concreto a norte e a leste, só permitindo algumas vezes que se cruzem as fronteiras em casos humanitários. No sul, o governo atual do Egito colabora com Israel em manter a faixa isolada. A oeste, em alto-mar, Israel afunda barcos palestinos que se atrevem a pescar 8 km além da costa, violando a soberania palestina. No último bombardeio, Israel tem “avisado” a população para que deixem os locais. Mas para onde poderiam ir? Não há espaço em Gaza, não há escapatória, não há possibilidade de abrirem as fronteiras. No momento em que escrevemos este livro, quase dois mil palestinos já foram mortos (a maior parte deles, civis). Como é possível aceitarmos uma situação em que pessoas são mortas sem terem sequer a possibilidade de fugirem da guerra? Acabo de receber este e-mail de uma amiga querida, a Shourideh Molavi, que deveria ter participado do projeto de escrita deste livro aqui no Brasil com a gente. Ela esteve recentemente numa das escolas em Gaza que depois foram bombardeadas.



Queridos,

Não tenho muito acesso a meus e-mails, só tenho mandado SMS. Estou em Gaza desde a semana passada trabalhando com o Centro Palestino de Direitos Humanos, reunindo narrativas e documentando histórias de sobreviventes deslocados na escola Al-Fakhura em Jabaliya. Tem milhares abrigados aqui. É uma catástrofe. Quando as pessoas ouviram sobre o bombardeio da escola em Beit Hanoun, hoje de manhã — bem perto da gente — elas entraram em pânico com medo que Jabalyia seja a próxima. Alguns pegaram suas coisas e fugiram, mas não sabemos para onde. Uma pessoa me disse: “a melhor forma de sobreviver é ficar andando e mudando de lugar, não ficar sentado esperando que as bombas te matem. É isto que Israel quer, arrancar nossas raízes, fazer com que a gente nunca pare de mudar de lugar.”

Estou tentando coletar o maior número de entrevistas e voltar para a Cidade de Gaza pra transcrever e resumir — vamos levar Israel para o Tribunal Criminal Internacional. Fiquei na escola da ONU em Jabaliya o dia todo hoje de novo e as entrevistas foram muito difíceis. Uma mãe descreveu a cueca de super-herói do filho quando ela encontrou o corpo nos escombros, enquanto um menino de 15 anos descreveu a cor roxa da pele da irmã quando ela foi enterrada, após ter morrido no desmoronamento da casa deles. É um absurdo que as pessoas estejam sendo literalmente mortas pelo desmoronamento das próprias casas. Suas casas não dão abrigo ou conforto, são elas que colapsam fisicamente, matando pessoas, por causa dos mísseis. É uma maneira terrível de colocar as casas das pessoas contra elas mesmas.

Hoje, uma garota de uns vinte anos começou a gritar com um jornalista francês que tinha perguntado se ela apoia o Hamas: “Não me pergunte se eu apoio o Hamas. Você está vendo a gente sofrendo aqui e você me pergunta se eu apoio o Hamas? Onde você está vendo o Hamas aqui? Nós somos famílias, crianças e mulheres sofrendo nessa guerra.” E ela concluiu dizendo: “Eu apoio a resistência!” Foi muito forte. O jornalista ficou arrasado com a reação dela.

Deixem eu tentar descrever as coisas um pouco. Sinto muito ter que fazer uma descrição tão crua, mas preciso desabafar: o ar é insuportável — o calor aumenta o cheiro de esgoto e talvez até de corpos já começando a se decompor debaixo dos escombros. A pior coisa que eu ouvi foi do meu amigo Mohammad, que também é jornalista em Gaza. Ele disse que animais começaram a comer os corpos das pessoas nas ruas. Eu vomitei quando ouvi isso, sério. Animais comendo cadáveres de pessoas nas ruas! Não tem assistência médica nessa área, porque os tanques israelenses fazem um bloqueio, e o Egito ainda se recusa a abrir a fronteira na ponta de Gaza para qualquer palestino, além de impedir a entrada de estrangeiros e mesmo de cidadãos egípcios (!). Não sei mais o que dizer — acho que eles não vão conseguir sair impunes dessa ‘normalidade’.

Então tem o cheiro de morte e você não consegue parar de pensar nele e as pessoas vão pra lá e pra cá com limões e vinagre pra tentar tirar o cheiro. As pessoas estão exaustas e quebradas. Furiosas que Israel possa bombardeá-las desse jeito, matar todas as suas crianças e que o resto do mundo demore tanto para romper seu silêncio. Mas em meio a tudo isso, ainda há tanta bondade. As pessoas cuidam umas das outras, consolam umas às outras, especialmente crianças, que tentam achar a melhor maneira de apoiar seus pais. Vi tantas crianças, de menos de 10 anos, abraçando, consolando, tentando distrair seus irmãos menores. Elas, tão jovens, já cuidam de outras. E eu fico pensando que o Hamas cresceu a partir da geração da primeira Intifada, quando suas pedras jovens foram recebidas com balas. Então, qual é a geração que vai crescer a partir dos massacres dos últimos 7 anos? Que professores, pais e líderes essas crianças vão se tornar? Hoje, já podemos afirmar que cada criança palestina perdeu um tio ou tia, um pai, mãe ou irmão, um avô, um vizinho, um colega de escola — alguém que eles conheciam, alguém que formou a vida deles com base na guerra. Nenhuma criança está protegida. Não encontrei nenhuma criança que não tenha perdido alguém de forma violenta e não natural.

Um grande abraço pra vocês. Penso em vocês constantemente e no quanto esse verão teria sido diferente se Israel não tivesse iniciado outra guerra bial.

Com amor,
Shourideh

a árvore de histórias

Campus in Camps e Grupo Contrafilé



O que sonham os bobais?

Escrito e ilustrado por Cibele Lucena





Passarar é ato de fazer acrobacias, saber dar rasante em chão espinhento, driblar momento sem vento, locomover-se aos saltos. Coisa de passarinho...

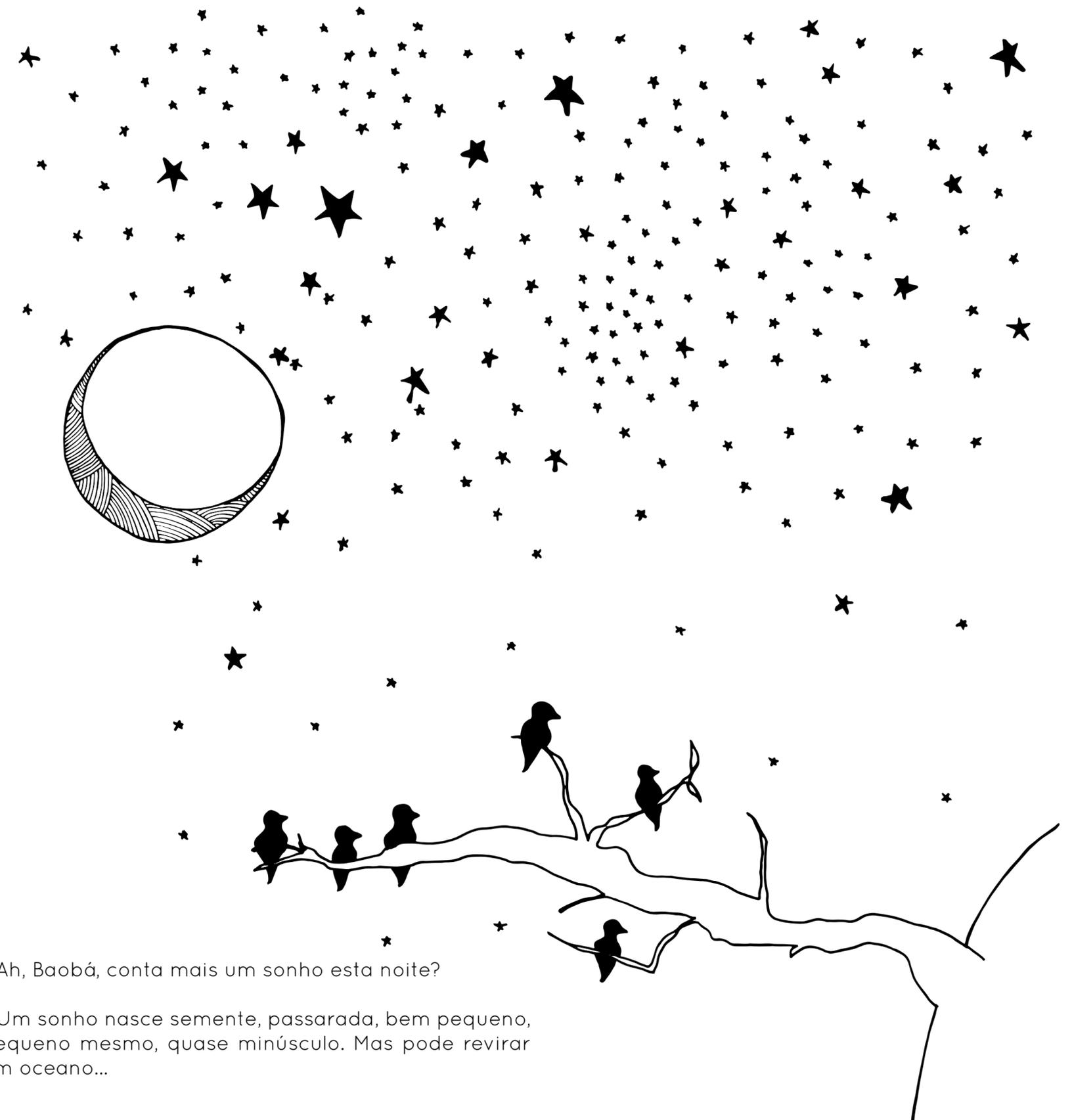
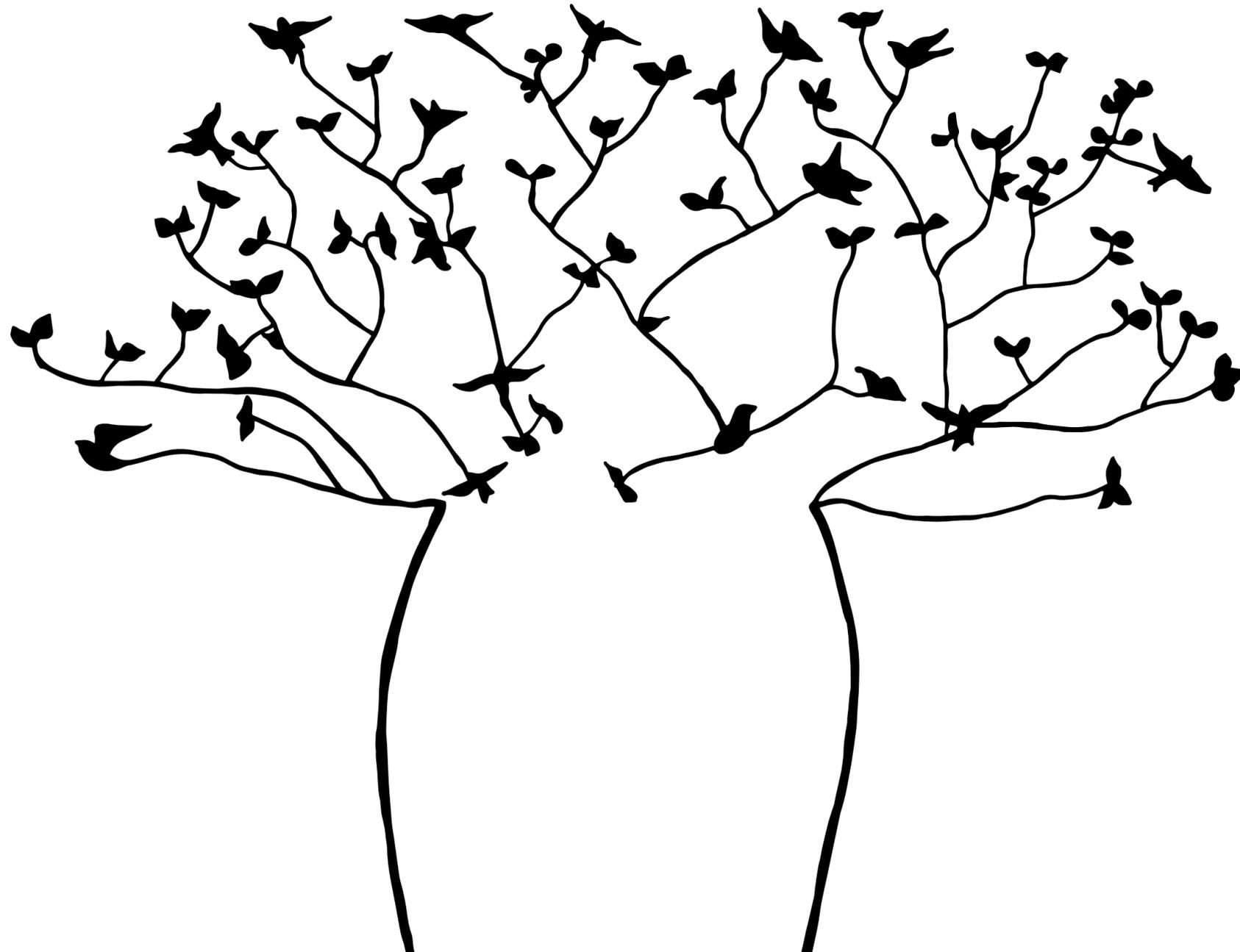


Sempre fomos muitos e em bando. Nossas revoadas são barulhentas, dançamos passos pulsantes, cantamos gorjeios estridentes e fazemos gestos vibrantes, sonoros.

Ainda assim sabemos do silêncio...

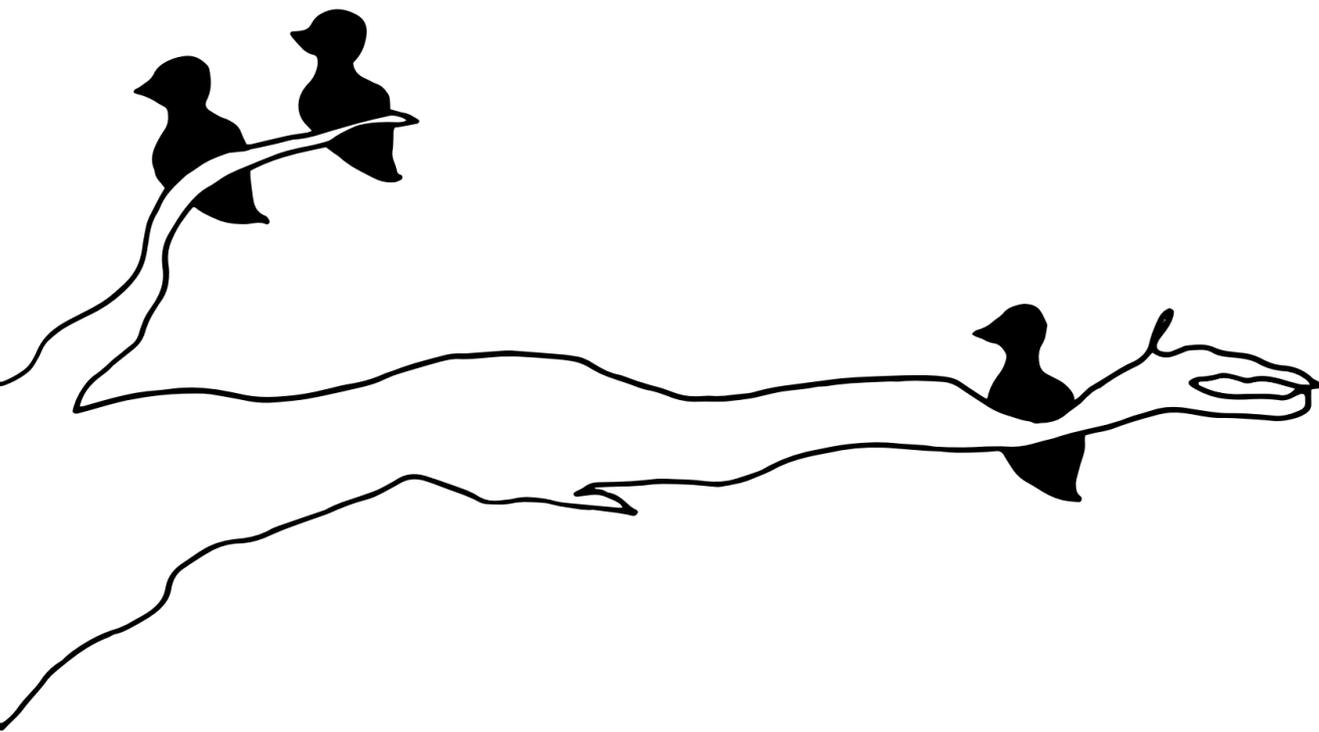
O silêncio é um modo especial de ação e está sempre à nossa disposição. É uma maneira de ser, de sair de um lugar para chegar em outro.

É nesses momentos, mais quietos, normalmente um pouquinho antes de anoitecer, que conseguimos ouvir os mais lindos sonhos.



- Ah, Baobá, conta mais um sonho esta noite?

- Um sonho nasce semente, passarada, bem pequeno, pequeno mesmo, quase minúsculo. Mas pode revirar um oceano...



O que o Baobá nos contava eram sonhos dele e eram também os sonhos que ele ouvia. Às vezes, a árvore nos contava até os nossos próprios sonhos, que antes mesmo da gente reconhecer, ela já tinha escutado.

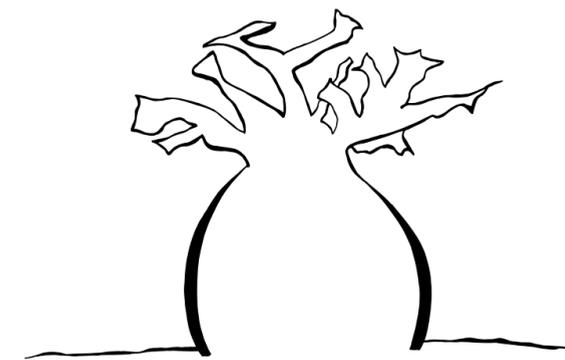
Vou lhes contar um sonho fresquinho, que acabo de ouvir, sonho de poeta. Nasceu nos pensamentos de uma avó. Seu nome é Mauri e ela tem mania de encruilhar palavras. Foi bem assim:

*Era uma árvore que parecia grávida
de muitos filhos para parir de pé.
Criava assim invenção de se nascer com raiz
Vertendo olhar ao céu materno
Coisas, invenções e parecenças da planta Mãe.*

(poema de Maurinete Lima)

- Que lindo, Baobá! Conta mais um?

- O sonho de Mauri me fez voar também. Passarar, como vocês. E esta manhã, sonhei em brisa, sopro de voz me dizendo daquilo que tem magia de pousar, no instante de alçar-se. Escutei em passarinhês: plante os pés e balance, Baobá, para arvorecer-se.



The title 'O RETORNO DO BAQBA' is rendered in a bold, hand-drawn, blocky font. The letters are white with a thick black outline, giving them a three-dimensional appearance. The text is set against a background of various botanical illustrations in shades of grey and black, including palm fronds and other tropical leaves. The overall style is artistic and handcrafted.

O RETORNO DO BAQBA

escrito por

SANDI HILAL COM SAMA E

TALA PETTI

ilustrações de

MARIA CAMILA

SANJINES

UM DIA, SAMA, TALA E AS CRIANÇAS DA ÁRVORE-
ESCOLA ESTAVAM SENTADAS EM TORNO DE UMA
FOGUEIRA NA PRAIA, CANTANDO E BATUCANDO.

estou voltando pra casa com um pé de baobá, estou voltando pra casa com um baobá, ola ola lá ola ola lá

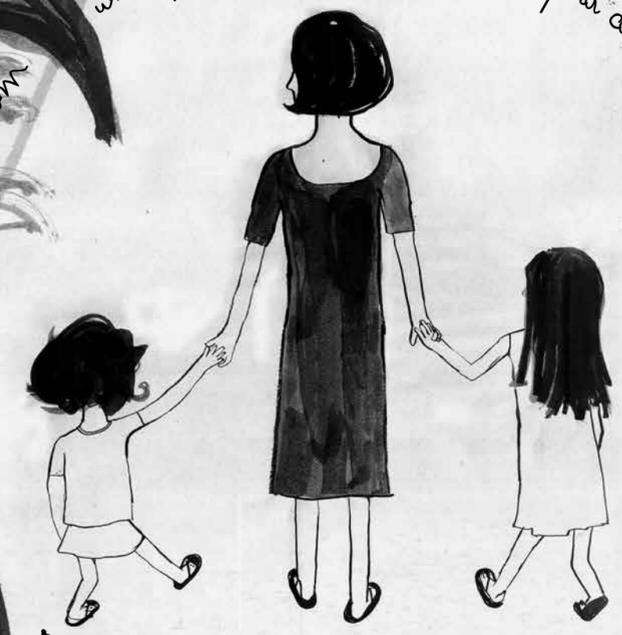




um pé de baobá, estou voltando pra casa com um pé de baobá, estou voltando pra casa com um pé de baobá.

estou voltando pra casa com um pé de baobá.

estou voltando pra casa com um pé de baobá.



SAMA E TALA VOLTARAM CANTANDO PRA CASA...



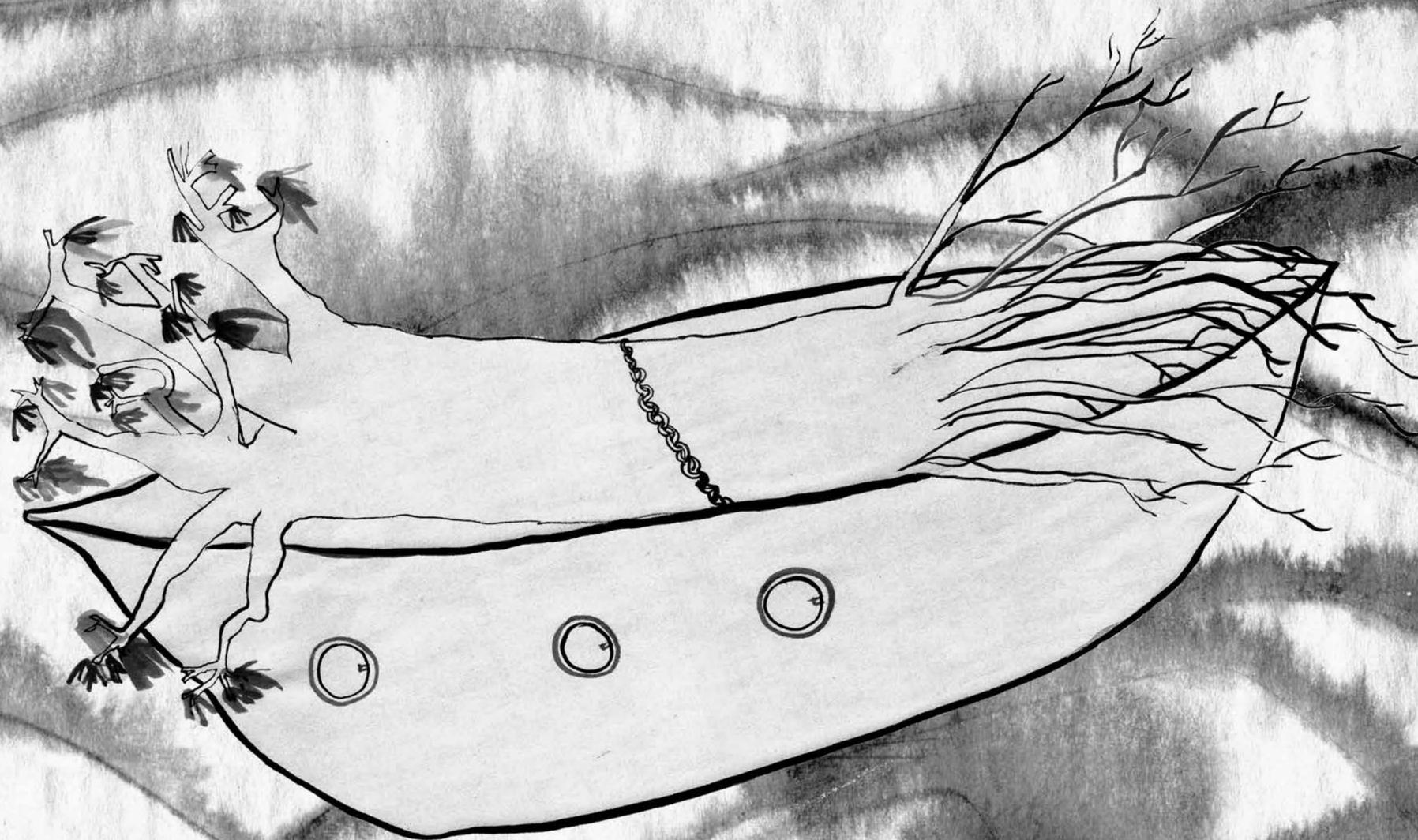
JÁ NA CAMA, SAMA E TALA PEDIRAM PARA A MÃE DELAS:

"manhê, você pode contar pra gente a história do baobá?"

"eu não conheço a história do baobá, mas posso tentar inventar uma" A MÃE RESPONDEU.

ERA UMA VEZ UM BAOBÁ QUE FOI OBRIGADO A DEIXAR SUA CASA
NA ÁFRICA E VIAJOU PARA O BRASIL NUM BARCO ENORME.

O SOLO NO
BRASIL ERA MUITO
DIFERENTE, A ÁGUA TINHA UM GOSTO
ESTRANHO E NADA ERA FAMILIAR. O BAOBÁ
FICOU MUITO TRISTE.



AOS POUCOS, O BAOBÁ
FOI FAZENDO AMIGOS
E APRENDEU A GOSTAR
DO GOSTO DA ÁGUA, A
APROVEITAR O SOLO, E
FICOU FELIZ DE NOVO.
MAS, TODA VEZ QUE IA
PARA A PRAIA, ELE
SE LEMBRAVA DA
ÁFRICA.

UM DIA, AS CRIANÇAS DA ÁRVORE-ESCOLA, TALA, SAMA, SEBA, GIL E RAMIRO, ESTAVAM BATUCANDO E CANTANDO DEBAIXO DO BAOBÁ:

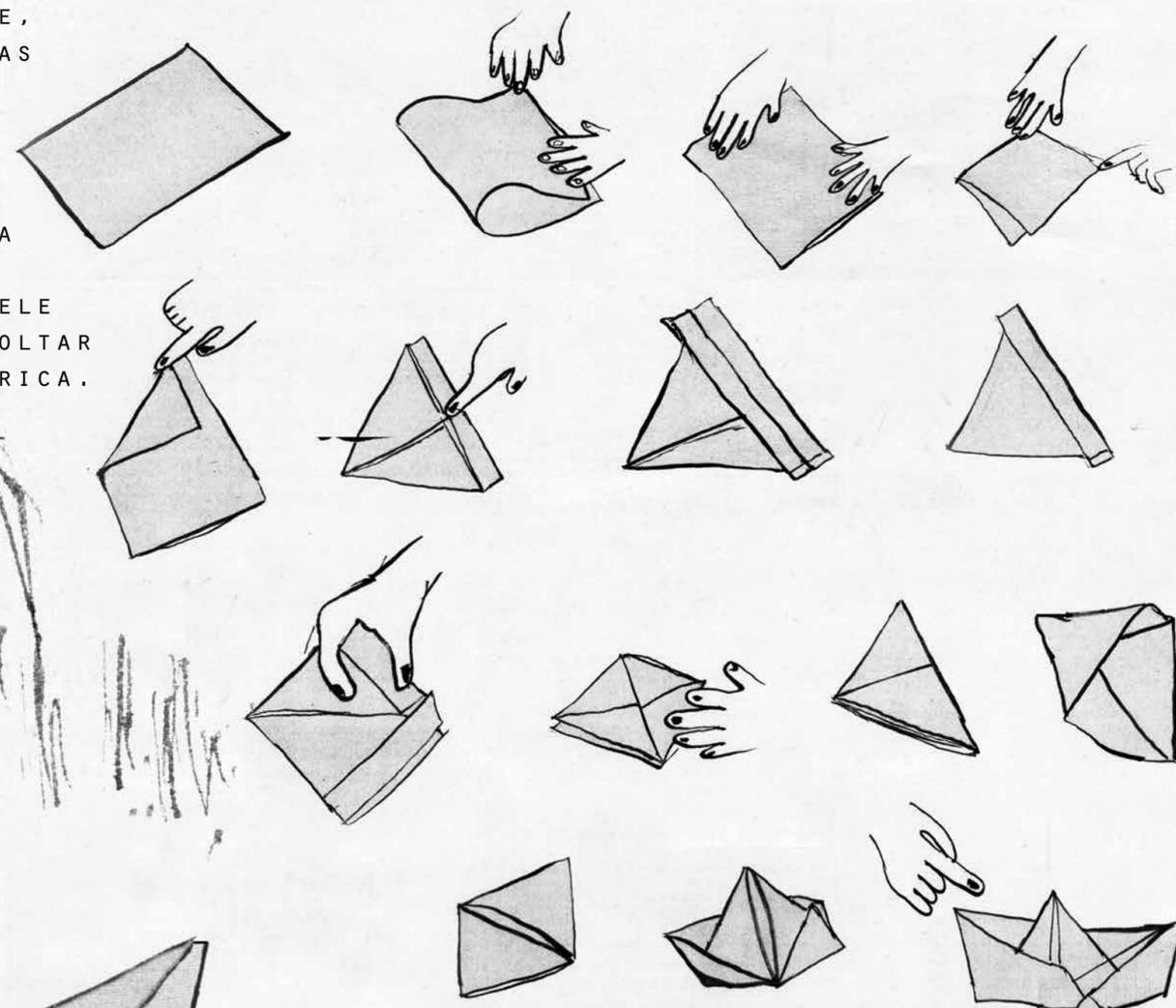


"estou voltando pra casa com um pé de baobá, estou voltando pra casa com um baobá"

AS BATUCADAS FAZIAM O BAOBÁ SE LEMBRAR DA ÁFRICA E SENTIR SAUDADES.

O BAOBÁ DISSE PARA AS CRIANÇAS: *"sinto falta da África"*

VENDO O BAOBÁ TÃO TRISTE, AS CRIANÇAS DECIDIRAM QUE IRIAM CONSTRUIR UM GRANDE BARCO PARA O BAOBÁ, PARA QUE ELE PUDESSE VOLTAR PARA A ÁFRICA.



DEPOIS DE PENSAR POR UM BOM TEMPO, O BAOBÁ DISSE PARA AS CRIANÇAS: *"muito obrigado por me construirem esse barco, mas se eu for embora para a África, eu vou sentir saudades de todos vocês. prefiro ficar aqui. agora eu já gosto do gosto da água e do solo e eu tenho muitos amigos"*

O BAOBÁ FICOU NO BRASIL, MAS TODOS OS DIAS ELE SENTIA SAUDADES DA ÁFRICA. FIM...



TALA FICOU DESAPONTADA E DISSE:

"mamãe, eu não gostei desse final! o baobá deveria voltar para a África!"

SAMA DISSE:

"tenho uma ideia, a mamãe vai inventar um novo final!"

A MÃE DISSE:

"posso tentar"

OLHANDO PARA O ENORME BARCO QUE AS CRIANÇAS HAVIAM FEITO PARA ELE, O BAOBÁ DISSE:

"vou sentir saudades do solo, da água e de todos vocês, mas vou voltar para casa na África"

QUANDO O BAOBÁ CHEGOU NA ÁFRICA, ELE DESCOBRIU QUE O SOLO ERA DIFERENTE, QUE A ÁGUA TINHA UM GOSTO ESTRANHO E QUE ELE NÃO TINHA NENHUM AMIGO.

O BAOBÁ FICOU TRISTE DE NOVO.

FIM...

AS MENINAS FICARAM DESAPONTADAS NOVAMENTE.
ESSE NÃO ERA O FIM QUE ELAS ESPERAVAM.

"também não gostei desse fim!" TALA DISSE.

SAMA DISSE: "tenho uma ideia, a mamãe vai inventar um novo final!"

A MÃE DISSE: "desculpem, meninas, mas não tem outro final. vocês precisam escolher. ou o baobá fica na casa dele no brasil e sente saudades da áfrica, ou o baobá vai para sua casa na áfrica e sente saudades do brasil"

TALA E SAMA FICARAM CHATEADAS.



"tenho uma ideia! vamos pedir para outras crianças inventarem finais diferentes para a história. elas podem inventar um final que deixe todo mundo feliz"

FIM!

FIM!

FIM!